SUMÁRIO

- NOTICIÁRIO:
  - 15ª Convenção Da Sociedade Teosófica Brasileira – Otto Jargow
- NOSSA OBRA E O DIA DAS MÃES – Selene de Souza Carvalho
- ENSAIO BIOGRÁFICO SOBRE J.H.S. - Hernani M. Portella
- O CAVALEIRO DAS IDADES E A MONTANHA SAGRADA - Sylvia Patrícia
- REI DO MUNDO – René Guenón
- MISTÉRIOS DO ORIENTE E DO OCIDENTE – Mário Roso De Luna – Prof. Henrique José de Souza
- OS TRÊS CAMINHOS QUE LEVAM À PERFEIÇÃO – por um discípulo da S.T.B.

NOTICIÁRIO

15ª Convenção Nacional da S. T. B. em São Lourenço

Ilustração: foto

Legenda:

Templo da Sociedade Teosófica Brasileira, em São Lourenço.

São Lourenço – MG – (Do nosso correspondente) – Realizou-se de 22 a 24 de fevereiro deste ano a XV CONVENÇÃO NACIONAL DA SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA, no grande auditório da sua sede própria à Av. Getúlio Vargas 481, que se lotou de membros, convidados e visitantes, tanto nas apresentações do Teatro de Fantoches, como durante os trabalhos da Convenção.

Sob a presidência da Exma. Sra. Helena Jefferson de Souza foi aberta a Convenção no dia 22 às 20h30 horas. Formada a mesa, o Diretor Social. Dr. César do Rêgo Monteiro Filho, depois de breves palavras de boas vindas aos convencionais e agradecimentos às autoridades e visitantes, declarou aberta a XV Convenção Nacional e deu início aos trabalhos, apresentando o Dr. Januário de Paschoal, já conhecido através do seu livro "Dá Licença", em que publicou uma ligeira biografia de Anselmo Duarte, em torno de "O Pagador de Promessas", filme laureado com o prêmio "Palma de Ouro" no Festival Cinematográfico Internacional, havido em Canes em 1962. De Paschoal, na Convenção, falou sobre "DE SAGRES A BRASÍLIA", destacando as personagens de Henrique de Sagres, Pedro Álvares Cabral, D. Pedro II, José Bonifácio de Andrada e Silva e, como REALIZADOR de velhos sonhos, o Ex-Presidente Juscelino Kubitschek, o fundador da nova Capital do Brasil.

Em seguida, falou o Dr. Aguinaldo de Almeida Prado, que dissertou sobre "OS FUNDAMENTOS DA REENCARNAÇÃO", tema sempre oportuno para ser discutido em nossos dias, principalmente no Ocidente, onde o assunto ainda não é bem compreendido.

Antes de dar a palavra a quem dela desejasse fazer uso, o Diretor Social da S. T. B. levou ao conhecimento dos convencionais um requerimento do preclaro Vereador Lamana Júnior, de São Paulo, no qual pedia inserção nos Anais da Câmara Municipal de São Paulo, no dia 22, de um voto de júbilo à S. T. B. pela realização da XV CONVENÇÃO NACIONAL, que se estava efetuando na estância hidromineral de São Lourenço,

justificando seu pedido com fatos que atestam o trabalho da S. T. B. no preparo do Brasil como "Berço da Nova Civilização" [1] .

Em seguida, o Prof. Joaquim Ribeiro Franqueira, representando o Prefeito de São Lourenço, Sr. Alvarim Garcia Machado, enalteceu o trabalho da S. T. B. em prol do progresso material e cultural do nosso município, consoante o que tem observado e acompanhado durante longos anos. O Dr. Marcelo Prazeres, Presidente da Câmara Municipal, elogiou, igualmente, o trabalho realizado pela S. T. B. em São Lourenço, lembrando ainda a estima que seu saudoso pai, Dr. Eurípedes Prazeres, nutria por todos os teósofos e a grande amizade que sempre existiu entre ele e a família do Professor Henrique José de Souza, o que foi declarado de modo muito comovente e carinhoso, pois, de fato, as duas famílias mantinham estreitas relações de amizade.

O segundo dia da Convenção revestiu-se igualmente de grande êxito pelo entusiasmo do auditório, que aplaudiu os vários trabalhos apresentados: "A Humanidade através do Tempo", do Dr. Paulo Fonseca de Castro Saldanha; "Grandes Idéias e Grandes Fatos Relacionados com a Obra", do Dr. Carlos Lucas de Souza; "O Brasil e a Política do nosso Tempo", assunto de atualidade, desenvolvido com rara eloqüência pelo orador oficial da S. T. B., Dr. Adalberto Pizarro Loureiro, que também é Diretor do periódico "A Voz de Portugal".

Registramos ainda, com agrado, a presença do LIONS CLUBE de São Lourenço, representado pela marcante figura do ilustre Dr. Joaquim Ribeiro da Luz. Foi uma Convenção que, quanto ao movimento, ultrapassou todas as anteriores, fazendo jus ao programa cultural da S. T. B., pois a ela estiveram presentes grandes intelectuais com idéias de brasilidade, cada vez em número maior, procurando tomar conhecimento das doutrinas baseadas na Eubiose que, preparam as sementes da nova civilização e, como tais, são originais e substanciam os princípios divulgados pela S. T. B.

O TEMPLO, tanto para os rituais internos como externos, tornou-se pequeno para conter quantos chegaram a São Lourenço, vindos dos mais afastados pontos do Brasil, de modo que a Sede Social abriu suas portas para aí serem realizados também atos ritualísticos, por se tratar de um salão com capacidade para mil pessoas, número que foi, aproximadamente, o de convencionais que este ano aqui chegaram pelos coletivos rodoviários e ferroviários, além de centenas de carros particulares.

Menção especial merece ainda o trabalho dos Jovens da **Ordem do Ararat**, que apresentaram, sob a orientação da Professora Margarida Estrela e do Sr. João Trinta, a peça "Os Três Reis Magos", pelo Teatro de Fantoches, merecendo entusiásticos aplausos do público que lotou, por duas noites, a Sede da S. T. B., onde foi levada à cena a referida peça. Esta apresentação, como outras anteriores, está de acordo com o programa da S. T. B., ensinando e educando através dos setores ESCOLA, TEATRO e TEMPLO.

O hasteamento das Bandeiras (nacional e da instituição), rendendo culto à Pátria e à Obra, desfile, rituais, música (mantrans), passagens de membros para séries mais adiantadas, consagração das crianças e assembléia geral, tiveram lugar no dia 24 de fevereiro.

A XV Convenção Nacional da S. T. B. foi, sem dúvida, importantíssima sob todos os pontos de vista e suas vibrações por certo se farão ainda sentir por muito tempo.

São Lourenço está, pois, de parabéns, por ser o lugar privilegiado onde se encontra o Templo da Sociedade Teosófica Brasileira. apontado até no Oriente Médio e

[1] N. da R. – Reproduzimos a seguir, na sua integra, o texto da honrosa mensagem, firmada por 14 edis, cuja leitura causou viva satisfação aos convencionais.

na Índia, por aqueles que sabem, como o único no mundo que hoje mantém a "Chama da Espiritualidade".

Finalmente, como que coroando os trabalhos da XV Convenção Nacional da S. T. B., qual apoteose de tantos acontecimentos importantes, dois objetos luminosos, não identificados, cruzaram o céu de São Lourenço, bem em frente à Vila Helena, residência do Supremo Dirigente da S. T. B., Professor Henrique José de Souza. Esse espetáculo foi apreciado por grande número de pessoas, na noite do dia 26, por volta das 20h30. Discos Voadores?...

Otto Jargow

CÂMARA MUNICIPAL DE S. PAULO

REQUERIMENTO N: 171/63

Requeremos à Douta Mesa, ouvido o Plenário, em regime de urgência e dispensadas as formalidades regimentais, seja inserido nos Anais desta Casa, no dia de hoje, um voto de júbilo à SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA, pela realização de sua XV Convenção Nacional, na cidade de São Lourenço, MG, em 24 de fevereiro de 1963.

JUSTIFICATIVA – A presente Convenção reveste-se de importância excepcional, em virtude de se completar este ano o grande ciclo de realizações de cultura e espiritualidade com que tornou possível alcançar o Equilíbrio em 1963; consolidação de um trabalho iniciado em 1899 na Ilha de Itaparica, Bahia.

A XV Convenção Nacional da Sociedade Teosófica Brasileira vem concretizar neste ano de 1963, conforme diz o próprio número da Convenção, a Sabedoria da Obra Divina em que estão empenhados os membros da S. T. B., cabendo para honra e glória de nosso povo ao Brasil, por força de Lei, desempenhar a excelsa missão de Pátria da Nova Civilização.

Nesse conclave fraternal estão potenciando suas energias espirituais, milhares de membros da S. T. B. procedentes dos vários Estados do Brasil, os quais se congregam anualmente em S. Lourenço também com o objetivo de fazer de nossa Pátria o grande farol a espargir luzes de sabedoria e amor que hão de reconstruir o caráter humano para o advento da Era de Aquário, no início do século XXI.

Requeremos, ainda, seja oficiado à homenageada, na pessoa de seu ilustre Presidente, prof. Henrique José de Souza, o deliberado nesta Câmara.

Sala das Sessões, 22 de fevereiro de 1963.

Nossa Obra e o Dia das Mães [2]

A Vida Universal é dividida em ciclos, cada um deles possuindo sua parelha manúsica, isto é, um casal-padrão, arquétipo que determina e orienta a formação do referido ciclo, sintetizando o anterior. Essa parelha manúsica ora exerce influência parcial, ora tem função universal, como ADÃO e EVA, de que falam a Bíblia e outras Escrituras. É verdade, entretanto, que a "letra que mata" ocultou o verdadeiro sentido da palavra ADAM-HEVE e do que é relatado no GÊNESIS. Mas às vezes o Véu desses Mistérios se

[2] Conferência pronunciada por Da. Selene de Souza Carvalho, filha de nossos Veneráveis Mestres, na sede da S. T. B. em S. Paulo, no Dia das Mães: 13-6-1962.

torna mais tênue. É o que se dá no caso do mais antigo relato sobre a lenda do SANTO GRAAL, onde se lê que, tendo o ETERNO ordenado a ADÃO e EVA que se unissem, eles se sentiram hesitantes e envergonhados, mas tiveram que se submeter à ordem do Senhor, porquanto:

"Era vontade do Eterno que daqueles dois seres se originasse a humana linhagem, destinada a restabelecer a Décima Legião de Anjos, a qual dos céus tombara por orgulho", e que tem como prova real a sentença proferida por Ele : "Crescei e multiplicai-vos".

Essa décima Legião de Anjos era comandada por LÚCIFER, Senhor do Mental, e seu primeiro representante na Terra foi ABEL, o bom irmão, ou antes, a boa irmã, que de fato era mulher, e não homem. Seu nome significa "o Primeiro Deus" (*AB ou Ad,* primeiro, e *El,* Deus) e que foi o primeiro sacrificado... como mais tarde o foram Dionísio e Jesus, o Cristo do ciclo de PISCIS.

Mas em se falando de casal ou parelha manúsica, faz-se necessário explicar primeiro o que significa a palavra MANU. Trata-se de uma Hierarquia, a qual aponta o GUIA de todas as criaturas. Provém da raiz MAN ou MEN; daí, Maná ou Manas, que é o Mental. Estado de consciência esse que se manifestou na terceira Raça, conhecida como raça lemuriana. O termo EMMANUEL que se dá ao Cristo, equivale a EL-MANU, "o Manu".

A filologia comparada muito nos pode auxiliar na definição do termo MANU, principalmente se considerarmos as palavras inglesas MAN (Homem) e WOMAN (Mulher). Em nosso próprio idioma, o termo HOMEM o indica na sílaba final. De passagem dizemos que MU-ISKA e MU-ISIS foram também uma parelha manúsica; sacrificada na raça atlante. MEM corresponde ainda à13ª lâmina dos ARCANOS maiores do TARO, cujo simbolismo iniciático nos indica o sentido de MULHER, de MORTE, mas como TRANSFORMAÇÃO GERAÇÃO etc. Sendo seu significado, ou melhor, sua alegoria, na figuração hebraica um fruto, o mesmo FRUTO DA ÁRVORE DA VIDA, que é, também, a Árvore da Ciência do Bem e do Mal. Por isso que o ANJO anunciando a Maria o próximo nascimento de seu FILHO tem estas palavras: BENDITO É O FRUTO DO TEU VENTRE – JESUS. Palavras semelhantes se atribuem, nas teogonias orientais, ao Deva ou Anjo a DEVAKI, anunciando-lhe a próxima vinda de seu Filho YESEUS-KRISHNA, nome muito parecido com o de Jesus Cristo. Também no alfabeto hebraico a 13ª letra. MEM, possui vários sentidos, (Transformação, Geração, Reencarnação) inclusive o de "duas vezes nascido" equivalente ao termo sânscrito DWIJIA, que se dá aos Adeptos ou Homens Perfeitos. "Nascido duas vezes" é prerrogativa de quem participa de duas naturezas, isto é, da masculina e da feminina; do mesmo modo, da natureza terrena e da natureza divina, como é o caso das PARELHAS MANÚSICAS.

Dionísio, o grande deus juvenil da antiguidade grega, era chamado de "Duas vezes nascido". Por isso a natureza do Cristo era ao mesmo tempo divina e humana, porquanto Ele diz: "O meu Pai e o vosso", referindo-se a Deus, e se considera como "filho do Homem", por causa de sua missão na Terra- Abel pertencendo à estirpe Humana era também de essência divina, sendo o representante humano dessa 10ª, Legião de Anjos. E o casal manúsico, assim como os "Gêmeos Espirituais", - Helios e Selene, Castor e Pollux etc. todos eles fundir-se-ão num sã e mesmo SER, quando a Humanidade tiver superado suas próprias barreiras como andróginos em separado, firmando-se num só e UNICO ANDRÓGINO, como VITÓRIA TOTAL SOBRE O SEXO. É como se dissesse, "quando as Duas Rocas beberão na mesma TAÇA".

Por enquanto, a parelha manúsica representa, no mundo humano, a síntese dessas duas naturezas, divina e humana ou terrena, num casal que, considerado espiritualmente como um só SER, vai preparando o futuro, até que este culmine com o

Advento daquele SER INTEGRAL, que nós Teósofos denominamos de GRANDE AVATARA, ou seja MAITRÉIA, como Senhor dos TRÊS MUNDOS.

O primeiro Manu da Raça-Mãe Ariana, foi Vaivásvata, ou seja, aquele que surgiu como síntese da experiência colhida no ciclo anterior, projetando para o futuro os destinos da Humanidade, pré-estabelecendo as Leis que teriam de reger durante o ciclo ariano, que principiava a sua evolução.

A expressão mitológica "Fio de Ariadne", significa que o "fio" da evolução ariana naquele momento começava a ser DESFIADO. E como se processas, se sob o primeiro signo Zodiacal, que é ÁRIES, o Carneiro, a própria raça recebeu o nome de ÁRIA ou Ariana.

Para nós ocidentais, formados à sombra do Cristianismo, isso se torna mais fácil de compreender se recordarmos a história de Noé e Moisés, e a do próprio Cristo, os dois últimos não só representando dois grandes avataras da mesma Essência Divina, como também desempenhando o papel de Manus como Legisladores : o primeiro *codificando*, e o segundo, *retificando* o sentido da Lei Divina expressa nas leis humanas.

O nome de Noé é profundamente simbólico, porquanto lido de trás para diante, dá o termo grego EON, que significa: "a Manifestação da Divindade na Terra". E foi como tal que Noé recolheu em sua ARCA o essencial da experiência humana adquirida no ciclo anterior, findo com o chamado Dilúvio Universal, dilúvio esse ao qual aludem os mais antigos livros, das mais longínquas religiões de que ainda se tem memória.

Essa ARCA ou BARCA imensa na qual couberam todas as criaturas humanas e animais, ou melhor, como diz-nos de serem salvos daquele dilúvio ou Julgamento cíclico, outra cousa não era senão a AGARTHA ou ASGARD, misteriosa morada elo Rei do Mundo, o tradicional rei Melki-Tsedek, como "REI DE SALEM E SACERDOTE DO ALTÍSSIMO". Ela é a CIDADE SANTA ou de LUZ, a que se referem as mais velhas tradições, e conhecida pelos GRANDES INICIADOS de todas as épocas. É essa mesma AGARTA para a qual desceu o Cristo, após a crucificação, como reza o próprio CREDO. No CATECISMO CATÓLI-CO, edição lusitana, vê-se o mesmo Cristo descendo aos INFERNOS como regiões INFERIORES, ou melhor dito, INTERIORES da Terra, aí encontrando Moisés, Abraão e o próprio São José.

Essa é a Mansão de ELEITOS localizada no SANCTUM-SANCTORUM da Mãe-Terra, a que se refere o Apocalipse em seus versículos 3 e 13 do Capítulo V. São Paulo a cita de modo bastante claro. como se pode verificar na versão hebraica de suas epístolas, que vêm encabeçadas dos seguintes títulos: "AGARTA – AL GALATIN, AGARTA-ALEPHESIN, AGARTRA-ALROMIN, ou seja: Da Agarta aos Gálatas, da Agarta aos Éfesos e da Agarta aos Romanos.

A essa mesma Agarta alude a célebre frase Rosacruz, extraída do termo alquímico VITRIOL, com as suas letras misteriosas. ou seja: VISITA INTERIORA (ou INFERIORA) TERRAE RECTIFICANDO INVENTES OMNIA LAPIDEM, que quer dizer: VISITE O INTERIOR DA TERRA RETIFICANDO DO MESMO MODO TÔDAS AS LÁPIDES...

A AGARTA foi errônea ou propositadamente confundida com um "inferno" segundo a fantasia da Igreja em contraste com a concepção da filosofia grega, para a qual o INFERNO era também a Mansão das Almas felizes, que HÉRCULES, ULISSES, ORFEU e ENÉAS visitaram, e onde este último viu seres destinados a virem para a face da Terra, em missão espiritual a favor da Humanidade. Dessa Mansão das Almas, da AGARTA, como celeiro do mundo, vieram todos os Grandes Iniciados, pois que ela é o hálito e a vida da própria Humanidade. Dali nos vem os grandes e pequenos casais manúsicos.

A parelha manúsica que preparou o que nós Teósofos denominamos de "Semente Inca-Tupi", foi constituída por MANCO-CAPAC e sua contraparte MAMA-OCCLO. A lenda diz que ele, como Filho do Sol, instruía o povo na "cidade alta", isto é, no que se referia às

coisas do MENTAL, como "Cidade Alta" do corpo. E ela orientava suas companheiras nas cousas relacionadas à vida doméstica, inclusive as da Maternidade ou as da "cidade baixa". A má interpretação, "ao pé da letra", desfigurava por completo a beleza cultural e espiritual do seu sentido iniciático. Ambos possuíam a mesma hierarquia, embora as funções fossem diferentes.

Essa preparação da Semente Inca-Tupi preconizava a outra, isto é, a sua fusão com a Indo-européia, no caldeamento de raças que se daria posteriormente.

Quem leu o romance de José ele Alencar, O GUARANI, terá notado o trecho que vai abaixo, revelando que Tamandaré foi um pequeno Manu, de uma família racial.

"Foi longe, bem longe, dos tempos de AGORA. As águas subiam e inundaram toda a Terra. Um só ficou na várzea com sua esposa. Era Tamandaré, o forte entre os fortes, que ensinava durante o dia aos de sua tribo, o que de noite aprendia do céu".

Como uma síntese de todas essas coisas nos falam as velhas tradições às quais se acha ligada a incomparável SERRA DE SINTRA, que encerra tantos mistérios e onde se desenrolaram inúmeros fatos ligados não só à História da Península Ibérica, como também a certas ORDENS SECRETAS, tão antigas e Veneráveis, como as de Aviz e de Malta. O raríssimo livro intitulado SINTRA PINTURESCA contém a transcrição de palavras latinas, gravadas numa rocha, que falam bem claro de nossa Obra, inclusive a profecia da viagem de nosso Mestre não só a PORTUGAL, como, depois, à Índia. Senão vejamos no pouco que ali resta da corrosão do tempo

"...Sib... Vaticin... Occidiis... Volventur saxa litteris et ordine rectis

Cum videris Oriens, Occidens opes

Ganges Indus erit mirabilis visu

Messis... commutabit sua uterque orbi..."

cuja tradução é a seguinte:

Vaticínio de uma sibila sobre o Ocidente...

Patente me farei aos do Ocidente

Quando a porta se abrir lá do Oriente.

Será cousa pasmosa quando o Indo,

Quando o Ganges trocar, segundo vejo . .

Seus espirituais efeitos com o Tejo.

Palavras certamente absurdas para muitos, mas que falavam e falam ainda (por lá se acharem até hoje) da fusão racial que um dia caberia ao Brasil, "como Berço de uma Nova Civilização".

Numa das viagens de Henrique de Sagres, ele descortinou "para além das Colunas de Hércules, uma grande estátua, com o braço direito estendido apontando para o Ocidente". Tal encontro do grande navegador lusitano, era o complemento da referida profecia da Serra de Sintra. E também para fazer valer as palavras de nosso Mestre, quando diz: "Ao Ex-Oriente Lux", de Emanuel SWEDENBORG, sucedeu o Ex-Occidente LUX de J. H. S.

Entre as cinco cartas dirigidas por S. Francisco Xavier a El-Rei de Portugal, figura uma em que ele escreve: "Aquele que há de vir se chamará HENRIQUE, procedente de uma região SUBTERRÂNEA, tocando depois em uma ILHA"...

Citemos alguns exemplos dessa preparação do Novo Ciclo, tal como se vem dando no Brasil, desde a sua DESCOBERTA. No próprio nome, como também no brasão de Pedro Álvares CABRAL se descobre a alusão ao termo latino CAPRIS, eqüivalente ao de KUMARA, e relacionado ao Trópico onde devia chegar sua missão. No obelisco em frente

ao nosso Templo em S. Lourenço, no sul de Minas, se acha escrito todo esse mistério, pois que ali onde, "dos 22 aos 23 graus de latitude Sul, a Mônada chegou, no presente ciclo, ao máximo da sua evolução". No Horto Florestal desta privilegiada S. Paulo, a cidade líder do Brasil, erigiu-se um Monumento dedicado ao Trópico de Capricórnio.

Para iniciar o aspecto histórico da preparação desse caldeamento de raças no qual se destaca a PRIMEIRA PARELHA MANÚSICA BRASILEIRA, citamos uns versos de nosso Mestre, onde a História se confunde com os termos ESCOLA, TEATRO e TEMPLO:

"Diogo Alvares CORRÊA,
A SERPENTE CARAMURU,
Foi aquele que tomou por esposa CATARINA PARAGUAÇU.
E assim debaixo de um céu de Anil
Portugal se uniu ao BRASIL."

Diogo Alvares Corrêa foi denominado CARAMURU, na exclamação "TUPÃ CARAMURU", não por ter "atirado em uma pomba", como conta a História, mas pelo fato de os índios o terem tomado como o PEIXE desse nome, parecido com a MORÉIA, vendo-o sair do mar em direção à Terra. Sim, uma SERPENTE aquática que se encontra, principalmente, nas locas existentes nas rochas no fundo do mar. ITAPARICA, por exemplo, onde teve início histórico a nossa Obra, em língua tupi, quer dizer: "anteparos de pedras". Pelo que se vê, a SERPENTE é um símbolo sagrado, que serve de alegoria à "Sabedoria Divina". Por isso, a usavam Manco-Capac e outros Manus, do mesmo modo que no Egito, Kunaton e outros faraós, todos eles Iniciados nos Mistérios Divinos.

SRINAGAR, a cidade do Norte da Índia, onde esteve o nosso Mestre em 1899, à qual ele mesmo apelidou de "a Veneza oriental", tem o seguinte significado: SRI ou Senhor; Nagar, ou NAGA, NAGAS, a serpente ou " cobra-capelo", muito conhecida em todo aquele país. Daí, Senhor ou Senhores (Homens) serpentes, pela SABEDORIA que possuem.

E os índios, que bem conheciam as antiquíssimas tradições não podiam deixar de receber "o misterioso aventureiro vindo do Mar", senão com aquelas iniciáticas palavras: TUPÃ CARAMURU, isto é, o DEUS SERPENTE, Dragão do Mar.

Quem visita a capital baiana, poderá apreciar na mais antiga capela ali existente, misteriosa tela da "Visão de Catarina Paraguaçu, com a VIRGEM MARIA". MARIA é um nome que procede de Mare, o Mar, as águas, etc. Sobre as pias de água benta na maioria das Igrejas se vêem doa MM entrelaçados, significando também o signo de Aquários, tão ligado à MULHER. Haja visto as "ÁGUAS DO PARTO".

Quem nos diz que o africanismo, adorando AMENJÁ, como a "Mãe d'água", não adora à Virgem Maria? Sempre as más interpretações das cousas sagradas de permeio com os falsos ídolos. Eis aí S. Jorge como OGUM. O próprio Papa João XXIII fez ver ao mundo que na Igreja não há semelhante Santo, do mesmo modo que não há Santa Filomena. E no entanto estes dois Santos continuam a ser idolatrados como os outros. Neste caso são os devotos "católicos" que desprezam a palavra de seu Sumo Pontífice...

Nos festejos do 2 de Julho, na Bahia, sai em grande cortejo uma índia que bem poderia ser Catarina Paraguaçu, mas a tradição lhe deu apenas o nome de CABOCLA. É um dos maiores festejos que até hoje o povo baiano cultua.

Mas voltemos aos nossos comentários acerca do termo Manu.

É ainda na História que vamos encontrar a outra parelha, além de Diogo Alvares Corrêa e Catarina Paraguaçu. Trata-se de João Ramalho que se une a Bartira, filha do

cacique Tibiriçá, José de Alencar forma urna nova parelha, no seu romance O GUARANI, isto é, PERI e CECI, a quem nosso Mestre dedicou estes versos:

E veio depois o romance,
Obra de grande alcance,
Que Alencar idealizou: Peri amou a Ceci
E Ceci a Peri amou.
E ambos partiram para Lisboa.
De início numa palmeira
E depois numa canoa.
Mas ao chegarem ao litoral,
Já no céu estava escrito,
Como se fora um manuscrito:
– Ali está PORTUGAL".

E logo o Mestre fala dele próprio e da sua Helena:

"Finalmente veio o ciclo
Trazendo o misterioso Henrique
Em companhia da sua Helena.
A ILHA se fez um DIQUE
E a BARCA uma FALENA.
E das águas surgiu Netuno
Que a ambos abençoou.
Foi ali naquela ILHA
Que a sua OBRA se firmou...

Sim, a Ilha de que aí se fala é aquela mesma misteriosa Ilha, como "reduto dos Tupinambás", onde nasceu Catarina Paraguaçu, que recebeu por esposo Diogo Alvares Corrêa, o Caramuru. Ali começou a História Brasileira, para se firmar na verdadeira parelha manúsica, que foram e continuam sendo: HENRIQUE E HELENA.

A BARCA, cujo ORIGINAL é a mesma AGARTHA, como região subterrânea, donde eles vieram quando pequeninos... e a seguir, a BARCA PALMEIRA do romance O GUARANI, contra a qual não prevalecem nem mesmo as ÁGUAS DO DILÚVIO, com o nome de "Conceição Feliz", que na praia se encontrava quando os mesmos ali foram pela primeira vez. E assim se firmou na face da Terra a OBRA DIVINA, e Deus, em forma de Netuno, a ambos abençoando, colocou-os á sua frente.

Em fins do século passado realizara-se naquela mesma SERRA de SINTRA àqual já aludimos, um excelso mistério que foi terrena e celestialmente assinalado, através de dois misteriosos fenômenos: Uma chuva de estrelas, como nunca se viu outra igual, e a violenta explosão do vulcão KRAKATOA, que abriu novo capítulo nos anais geofísicos. Tal mistério se relacionava a um casal de crianças, as quais quando completaram os DEZESSEIS ANOS DE IDADE, uma vivendo em Portugal, em companhia do casal Barão Henrique Antunes da Silva Neves, e o outro na Bahia, também de família nobre portuguesa, ou seja da "Casa dos Sousa", isto é, MARTIN AFONSO DE SOUSA, navegador e Capitão Mor, Tomé de Sousa, primeiro Governador do Brasil, vieram encontrar-se em Salvador. Inútil dizer que tal encontro não fora obra do acaso, mas de há muito preparado, com grande devoção e cuidados.

Desde muito cedo a vida do jovem Henrique fora assinalada por fatos e fenômenos estranhos. Residindo a sua família num palacete que depois se transformou no Palácio da Aclamação, hoje sede do Governo Baiano, o pequeno se enrolava na bandeira brasileira dando vivas ao Brasil; por esse motivo, oficiais e soldados do 16º Batalhão de Infantaria, aquartelado no Forte de São Pedro, em frente à sua residência, gostavam de vir ao seu portão para prestarem carinhosa CONTINÊNCIA ao estranho menino. Assim, o Altar da Pátria ele o exaltava daquela maneira, enquanto o de Deus, pagando desde cedo os sazonados frutos da sua Missão, como se verá:

No dia 13 de Maio de 1887, que hoje faz 75 anos, caiu ele sobre a lança do jardim, quase atravessando o seu coração. Chamado o Dr. Lídio de Mesquita, que morava algumas cassa adiante, este ficou assombrado de como o pequeno FÔRA SALVO de semelhante acidente, chegando mesmo a dizer: "Este menino nasceu, no mínimo, para ser Bispo". E quando sua irmã Maria Luisa lhe perguntou: "Dr. uma toalha molhada em cima do talho não podia estancar o sangue? Respondeu-o doutor: O caso não é para tão pouco. No entanto, a Sra. pode colocar, enquanto preparo uma agulha para dar os pontos". E quando chegou a hora do referido curativo, ao retirar sua irmã a toalha molhada de cima da ferida, esta se achava completamente fechada. Pelo que se vê, os pontos não foram usados, e o médico, surpreso, disse: "Somente nesta casa poderia acontecer semelhante milagre".

Tempos depois, novo acidente teve lugar: o pequeno Henrique caiu em cima de uma grelha candente, de onde a cozinheira acabava de retirar um bife grelhado. Sim, a Lança de LONGINO NO PEITO do Cristo. E o martírio de S. Lourenço, nome este que havia de ter grande repercussão na futura Obra de Henrique.

Foi em S. Lourenço que os Gêmeos subiram à Montanha Sagrada, depois de 22 anos de terem estado em Itaparica. Foi em S. Lourenço que se inaugurou em 1949 excelso Templo, hoje visitado por milhares de pessoas.

Mas, falemos da ferida causada pela lança do jardim do palacete, que se tornou mais tarde PALÁCIO DA ACLAMAÇÃO.

A cicatriz se abria misteriosamente em certas datas históricas da Igreja. A primeira vez, foi quando a família assistia na Igreja de S. Francisco "o último passo da Tragédia do Gólgota, – A DESCIDA DA CRUZ". O pequeno dá um grito de dor. Sua mãe quase perdeu os sentidos ao ver a bluzinha de marinheiro que o mesmo trajava, com uma grande mancha de SANGUE no peito. Todos da família e vários amigos se apressaram em levar o pequeno para casa. E quando aí chegavam, a cicatriz estava fechada. O espanto foi geral. Contudo, um médico foi chamado, e, naturalmente, não soube explicar a causa do fenômeno...

Seria exaustivo citar todas as passagens da Vida deste Homem misterioso, inclusive as inúmeras curas que realizava pela simples imposição das mãos sobre os doentes, a ponto de sua irmã mais velha, certa vez, em ar de pilhéria, ter colocado uma placa de papelão na porta de seu quarto, com estes dizeres: "Doutor Bota a Mão". Do mesmo modo, os mais desconcertastes fenômenos, e respostas que ele dava a homens de Ciência, como foram os Drs. Nina Rodrigues, lente da Faculdade de Medicina da Bahia, e o próprio Diretor da mesma Faculdade, o Dr. Alfredo Brito, que o chamavam de "menino prodígio". Costumava acompanhar enterros, pelo simples fato de saber que "aqueles que iam encerrados no caixão" tiveram uma vida digna de elogios! Certa vez, um cortejo fúnebre passava quando ele saía do Colégio do Dr. Alfredo Constantino Vieira, onde ele era aluno; sua piedade foi tal que a tampa do caixão se abriu e dele se levantou o morto. E ele chorando de alegria, correu para casa, a fim de contar o fato a sua mãe, que teve apenas estas palavras: "Sempre Você, meu filho..." Mãe carinhosa, que, diante de tais fatos, não deixava de perguntar: "Mas, quem é Você meu filho que nem sequer

sua mãe o compreende?" Ao que ele sempre respondia, com um ligeiro sorriso: "A Sra. está dizendo: Sou seu filho"...

Mas, aí está a revista Dhâranâ, órgão-oficial de nossa Instituição, para falar melhor a respeito do INCOMPREENDIDO SER, que sua própria mãe não podia compreender...

Acrescentarei apenas que sem ter ele estudado música, todo o repertório da S. T. B. em número de 52 composições, letras e músicas são de sua autoria, dentre elas. O PEREGRINO DA VIDA, no qual ele fala da cicatriz que traz no peito:

"Eu sou o Peregrino da Vida
Que vem de Além Mar,
Trago no peito a ferida
Que o Oceano há de lavar".

Nas mesmas condições, sua esposa e companheira de Missão, que além de uma linda voz, que teve ensejo de ser elogiada pelo rei Alberto da Bélgica, quando esteve em visita ao Brasil, oferecendo-lhe uma fotografia de toda a família real, com expressiva dedicatória, pinta maravilhosas telas.

Como sabem, foi na Ilha de Itaparica que ambos se encontraram depois de terem cantado um dueto no TEATRO SÃO JOÃO, nome este também estreitamente ligado à sua Obra, a começar por ter sido no dia 24 de Junho de 1899 o referido encontro, isto é, no DIA DE S. JOÃO, como o Arauto da Vinda do Cristo; e que, com seu nome verdadeiro, que é YOKANAN, é "aquele que conduz um povo pelo ITINERÁRIO DE IO". Ou melhor, para a Terra da Promissão. Logo a seguir partiram para Lisboa, onde os esperava uma grande Tragédia, não obstante que a Voz do Eterno os tivesse prevenido contra as Forças do Mal, que de vida em vida os perseguia, pois nenhum missionário do Bem está isento da perseguição de semelhantes forças... E assim, Ele submeteu-se a um ritual a favor de sua companheira de missão, seu sangue passando para dela. Desta vez, o sangue saiu de ambos os braços, cujas cicatrizes, tanto quanto a do peito, perduram até hoje. E aí se põe um ponto final na primeira parte da vida de ambos, pois que o resto se passou em lugares sagrados do norte da índia e do oeste do Tibete.

Falamos do ano de 1906, já em S. Salvador, pois em 1900, ele estava de volta para um novo encontro avatárico da Ressuscitada, conscientemente em outro corpo. E em 1921 subiam à Montanha, que hoje tem o nome de Sagrada, como a reconhecem os próprios moradores de S. Lourenço, onde os nomes de Henrique e Helena são por eles reverenciados, inclusive por reconhecerem que depois da primeira vez que ali estiveram, “a estância, que não passava de um pasto de animais. embora com as suas águas curativas inigualáveis... é hoje uma cidade de encantos e de mistérios". Todos os anos, por ocasião das festas e das Convenções da S.T.B., afluem à privilegiada estância de S. LOURENÇO centenas de pessoas vindas de vários Estados. Aviões, ônibus, trens e automóveis conduzem os peregrinos à Capital Espiritual do Brasil, emprestando-lhe uma FISIONOMIA festiva, todos desejando revisitar ou conhecer o nosso Templo para receberem as vibrações espirituais que emanam de semelhante Santuário.

É para mim uma grande alegria, ao mesmo tempo que privilégio, ter-vos falado dessa tão estranha quanto maravilhosa HISTÓRIA na data de hoje, 13 de Maio de 1962- Sim, "Dia das Mães", pude falar-vos de Henrique, que é meu Pai, e de Helena, que é minha Mãe. Ele, cumprindo valorosamente a etapa final desta existência, sempre pagando o tributo da sua Missão. E Ela aqui a meu lado, Mãe amorosa, carinhosa e solícita, que nunca me faltou nos momentos de aflição. Mãe adorável, a quem tive a ventura de dar duas netinhas e estamos ligadas não apenas por laços carnais, mas da maior espiritualidade, justamente por serem laços ETERNAIS. Por isso e por tantos outros fatos, é que beijando-lhe respeitosamente e fronte, é como se o estivesse fazendo a todas

vós, mães de S. Paulo, mães de todo o Brasil, mães do mundo inteiro, porque, de direito e de fato, ELA E A MÃE DE TODAS AS MÃES!

ENSAIO BIOGRÁFICO SOBRE J. H. S. [3]

CAPÍTULO I V
Da fundação de "Samyama"

H. M. Portella

Não pensar que eu, as obras portentosas
A que vós, de Magia o nome dais,
Faço apoiado em forças tenebrosas,
Ou com auxílio de anjos infernais!

Minha ciência tem por aliados
As forças mui sutis dos minerais.
Ervas dos jardins, bosques e prados.
E as posições dos astros abençoados.

TASSO, canto XIV. 53

Ao chegar ao Rio de Janeiro hospedou-se no Hotel Globo, tratando em seguida de alugar uma casa adequada para acolher a família que a bordo do navio "Sequana", da Linha "Chargeurs Reunis", zarpava do porto da Bahia rumo à Guanabara. (Esse navio, quando voltava para a Europa, foi torpedeado e afundado por um submarino inimigo.) Recomendado ao próprio Chefe de Polícia do Distrito Federal, naquela época o Dr. Aurelino Leal, também o foi a outras personalidades, inclusive ao Sr. Francisco Meira, que alugava casas e quartos. Indicada por este uma residência vaga, foram ambos vê-la. Porém, ao chegar àporta, Henrique declarou peremptório:

– Esta não me serve. Não precisa nem abri-la.

– Por que razão? perguntou o amigo, se o senhor nem sequer a viu?

– Pela simples razão, respondeu, de que aqui se deu um crime tenebroso: um militar matou a esposa.

Seu interlocutor, admirado com essa demonstração de clarividência, concordou dizendo: É verdade! Lembro-me agora de ter sido aqui que o tenente Nascimento matou sua mulher. Veja! Ainda há sinais de sangue na maçaneta da porta. Era a casa no 13 da rua Januzi, em São Cristóvão.

– Então vou buscar a chave de outra casa, disse, e levou-o àrua Mourão do Vale no 10, onde quando sua família chegou passou a residir.

[3] Os capítulos anteriores: I) Do Nascimento e Infância de J. H. S.; II) Da Misteriosa Viagem de um Adolescente ao Norte da Índia; III) Da Juventude de J. H. S. na Bahia – foram publicados respectivamente nos fascículos nos 17/18 e 19/20 desta Revista.

Os fenômenos metafísicos de outrora continuaram a manifestar-se. Inúmeras pessoas, atraídas pelos fatos transcendentes que se davam em torno de J. H. S., procuravam freqüentar o novo lar, que pouco a pouco se refazia dos revezes da vida.

Deixemos, porém, os fatos ligados à sua vida de chefe de família e as suas vicissitudes pessoais, e procuremos acompanhar suas atividades de instrutor espiritualista. Empenhou-se com decisão numa segunda tentativa para fundar uma Sociedade, na qual pudessem a Teosofia e o Ocultismo ser estudados e aplicados sem os prejuízos de até então e para que se pudessem lançar as diretrizes baseadas nas revelações para o novo Ciclo.

Entre as pessoas que entraram em contato com ele figura o grande médium Diógenes, residente em Vila Isabel. Queria ele que J. H. S. curasse sua esposa de uma paralisia. Dotado de grande vidência, Diógenes, assim que entrou, apresentando-se juntamente com um amigo, exclamou:

– Que coisa fantástica estou vendo! O Sr. carregando uma grande cruz sobre o ombro!

– Quem é que não tem a sua cruz nas costas, representando a sua missão na Terra, respondeu-lhe Henrique.

Após demorada palestra, o espírita saiu dali confortado e esclarecido pelo Mestre.

Nesta mesma casa reuniam-se várias pessoas, que iam aumentando de número à medida que eram informadas de sua chegada da Bahia. Quase todas, entre outras coisas, desejavam saber suas vidas passadas. Uma senhora, curiosa mas cética, ao ouvir dele que na vida anterior fora um marinheiro, fez o seu arzinho de incredulidade. H. J. S., percebendo-o e querendo pilheriar disse:

– Naturalmente a senhora o foi, mas não com essas roupas. E, ato contínuo, gritou.:

– O navio está jogando...

Não se passou um minuto e a senhora manifestava ânsias de vômito, sentindo-se indisposta. Então ele ordena, como se fosse o próprio Comandante do navio.

– Grumete, vá buscar um balde. Este passageiro quer vomitar.

O marido dessa senhora, que observava e se divertia com a cena, não podendo mais se conter, disse, a rir:

– Era isto que você queria? Já não chega?

Então H. J. S., passando as mãos pela cabeça da senhora, afirmou:

– Você não tem nada, minha filha. Vá e não duvide mais...

Noutra reunião, uma espectadora, apresentando uma bola de cristal, insistia em pedir a Henrique para magnetizá-la, pois desejava exercitar-se com esse objeto a fim de adquirir clarividência. Ele atendeu ao apelo. Qual não foi o espanto dos assistentes ao verificarem que a bola, depois de magnetizada, ficou a girar sobre uma mesa de mármore, como pião, impulsionada por força invisível.

Tempos mais tarde, H. J. S. mudou-se com sua família para a rua Mariz e Barros nº 87.

Foi nessa residência que se apresentou o Dr. Aurélio Nascimento, atraído pelos ensinamentos e revelações divulgados pelos jornais.

A veneranda mãe do advogado, D. Joana Nascimento, fora criada por um pastor protestante. Dotada de grandes poderes psíquicos, especialmente a clarividência, chegava a conversar com seu Mestre, que ela dizia ser o próprio Cristo. Certa ocasião o seu Mestre a visitou em sua luminosa veste astral, dizendo-lhe que ela não o veria mais e

que perderia a faculdade da clarividência; mas que no dia. em que se deparasse com um homem moreno, alto, de cabelos escuros e olhos profundos, ela o reconheceria, readquirindo, então, o dom da clarividência.

– Eu tenho a certeza de que é o Sr. mesmo a quem minha mãe procura há muitos anos, e por isso, peço licença para trazê-la amanhã à sua casa, se o Sr. o permitir, disse ele ao entrar.

No dia seguinte ela compareceu na casa de Henrique e, mal o avistou, atirou-se aos seus pés murmurando, contrita: "É Ele, é Ele." E o Mestre, pondo a mão direita sobre a cabeça grisalha da Venerável discípula; acariciou-a, restituindo-lhe a visão interna, conforme lhe havia sido prometido.

Nessa época, tratava Henrique de uma senhora francesa, de nome Elise Elvire Couret, atacada de grave de. pressão geral, cuja vida era alimentada por Prana, que ele lhe transfundia de seu próprio corpo vital, durante sete anos seguidos. Muitas vezes um Adepto seu adjutor, que ocultamos sob o nome de Akadir, o aconselhou a poupar-se tal sacrifício, advertindo-o de que quem tem uma Missão especial no mundo, não devia por em risco continuamente sua saúde.

Residindo à rua do Matoso nº 40, a felicidade reinou no seio da família, talvez devido à atração cabalística do número, e às forças ocultas, manipuladas pelos Jinas ou gênios protetores. Os amigos e discípulos aumentavam; entre eles, figuravam políticos jornalistas, médicos, engenheiros, estudantes, marinheiros e soldados que, com admiração e respeito, passaram a tratá-lo com o título de Professor Henrique. E como Professor Henrique, é ele conhecido até os dias atuais.

Dando certa vez uma aula sobre hipno-magnetismo e mostrando os maus efeitos do hipnotismo e os bons do magnetismo, de inopino a tranca da porta da rua soltou-se estrepitosamente, causando aos discípulos tremendo susto. Interrogado sobre o insólito fenômério, informou o Professor. Henrique estar recebendo a notícia de que seu tio Virgílio acabara de falecer em Salvador. Dois dias depois. chegava um telegrama da. Bahia, confirmando a triste notícia.

Dentre os discípulos destacou-se o marinheiro Rabelo que, tendo desenvolvido várias faculdades psíquicas, chegou a assombrar a oficialidade do encouraçado Minas Gerais, com suas exibições faquirianas.

A um outro, que estava perturbando a sessão, não por maldade, mas por ignorância, pois não acreditava na existência de almas, a Professor aconselhou-o a que cuidasse antes dos "kama-rupas" que o acompanhavam. Ao que o incrédulo retrucou: Eu, com "kama-rupa"? e levou aquela observação para o ridículo. O Professor, para dar forma concreta a suas palavras, ordenou mentalmente que um desses "kama-rupas" passasse a mão no rosto do jovem. Mas o elemental, interpretando a seu modo a ordem recebida, pespegou-lhe forte bofetão, fazendo-o cambalear descontroladamente para o lado de sua esposa... A cena provocou hilaridade e comentários humorísticos.

Residindo na rua Miguel de Frias nº 69 e acompanhado por alguns amigos e discípulos, fundou H. J. S. um centro de estudos ao qual deu, o nome de COMUNHÃO ESOTÉRICA SAMYAMA. Dentre os fundadores se destacavam o ilustre advogado Aurélio Nascimento e sua Venerável mãe, D. Joana Nascimento.

Essa fundação se deu a 28 de setembro de 1916, e o número de sócios chegou a 150. Samyama esteve sob a égide de Sankaracharya, veste de Gautama, o Buda, e a direção de Patanjali, o criador da Toga que leva o seu nome. O termo Samyama é sinônimo de Samadi, e de fato, os fenômenos aí chegaram ao auge, pois Samadi é o oitavo e último passo da referida ioga.

Numa das sessões de Samyama tivemos a rara oportunidade de assistir a uma prova de levitação feita pelo Professor Henrique, prova esta conhecida no Oriente como

de Lung-pas. Alguns iniciados nas ciências secretas afirmam que, depois de alguns anos de prática, ao se moverem, os pés dos Lung-pas cessam de tocar o solo, e passam a deslizar suavemente sobre o mesmo, podendo alcançar vertiginosa velocidade, o que corresponderia àfaculdade de planar e voar.

Pois bem, estavam reunidas em sessão mais de 80 pessoas, entre elas o Sr. Augusto Vasseur, primeiro violinista da orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, e a família do Sr. Antonio de Azevedo Estrela, à qual pertence nossa venerável irmã Margarida de Azevedo Estrela, quando Henrique, levantando-se de sua cadeira, na sala da Diretoria, passou por cima e acima da mesa, sem nela tocar, pousando depois no solo com a mesma naturalidade e leveza de um pássaro a pousar num ramo.

Fato doloroso foi a perda de sua filha Alina, verdadeiro anjo tutelar, que desde tenra idade sabia proteger-se dos maus efeitos do magnetismo, sendo também dotada de notável clarividência, com lembrança de vidas passadas. Não raro era vista desmagnetizando com os gestos próprios, com toda a circunspecção, os alimentos antes de os ingerir. Quando lhe perguntaram porque fazia isso, esclareceu: - "É porque desconfio das vibrações da Maria". Tratava-se de uma cozinheira que então servia a casa e que de fato freqüentava ambientes infestados de larvas do baixo astral. Vindo a falecer a primeira vez, ainda adolescente, Alina reencarnou na mesma família, e ela mesma o revelou, dizendo a sua mãe: "Eu já morri uma vez e Você me cobriu o corpo frio com uma colcha cor de rosa". A mãe exultou de contentamento, pondo-se a chorar, comovida. Ouvira dos lábios da própria filhinha a confirmação de quanto lhe vinha afirmando seu marido, o Professor Henrique, de que Alina era a mesma amada criança do nascimento anterior. Quando a menina nasceu a mãe perguntou: "Que nome lhe vamos dar?" – "Alina", respondeu o pai. Surpresa, retrucou ela: "Então vai ter o mesmo nome da que morreu?" – Sim, porque é ela mesma, disse o Professor.

Com essa segunda morte, terminou ela sua missão protetora de sua família e da Sociedade Samyama.

No livro "O Verdadeiro Caminho da Iniciação", de autoria do Professor Henrique José de Souza, pág. 159, se faz referência a esse assunto.

Depois de algum tempo, H. J. S. passou a residir na rua Martins Pena nº 3. Entre os casos notáveis presenciados na nova habitação, destaca-se o seguinte:

Acompanhando uma senhora idosa, D. Joana Nascimento se dirigiu em voz baixa ao Mestre, para que a outra não a ouvisse, dizendo-lhe:

– Professor, peço-lhe que examine o aura dessa minha amiga, para ver se combina com o que vi. E deixando ambos na sala a conversar, voltou pouco depois para saber, em particular, o que o Mestre havia visto.

– Sim, disse este, eu vi um coche fúnebre puxado por quatro cavalos, três brancos e um castanho.

D. Joana, muito pálida, apanhou sua bolsa, da qual retirou uma folha de papel, onde havia anotado a mesma visão. Sete dias depois, eclodia um surto de gripe que se chamou de "espanhola" e entre as primeiras vítimas figurava aquela senhora amiga de D. Joana. E o coche fúnebre foi para o cemitério puxado por três cavalos brancos e um castanho.

A 22 de dezembro de 1919, após três anos e três meses de atividades transcendentes, dissolveu-se Samyama, que cumprira sua tarefa. Com o valioso concurso do Adepto Akadir, houve muito trabalho produtivo, e as sementes lançadas por H. J. S. se espalharam em diversas direções; as que caíram em terreno fértil, germinaram, floresceram e por sua vez estão a propagar os frutos do bem, no milagre da multiplicação tulkuística.

CAPÍTULO V

O cavaleiro das idades e a montanha sagrada

(Fundação Espiritual da Obra)

Sylvia Patrícia

Há épocas, homens e acontecimentos doa quais só a História pode emitir um juízo definitivo; os contemporâneos e as testemunhas oculares devem unicamente referir o que viram e ouviram. A própria Verdade assim o exige.

TITO LIVIO

Ao longo do interminável rosário dos séculos, raras são as datas a demarcar, como sóis rutilantes, no calendário da Terra as conquistas do Homem a caminho da espiritualização. O dia 28 de Setembro de 1921 assinala nova aurora para o mundo e a humanidade como datada fundação espiritual da Obra predestinada a preparar no Brasil o advento do Ciclo de Aquário com a chegada de Maitréia, o Avatara Integral, já nos primeiros anos do século XXI. Fatos transcendentes, incríveis fenômenos então se verificaram, semelhantes a tantos outros ocorridos desde o nascimento agartino de quem havia de ser o supremo dirigente da mesma Obra.

Nessa época viviam Ele e sua família modestamente, como sempre quiseram viver, na cidade do Rio de Janeiro, à rua Junqueira Freire nº 3, atualmente denominada rua Martins Pena. Um lar, uma família, um chefe. Um lar que era a pousada do Peregrino, uma família que havia de transformar-se numa grande Corte, um chefe que não deixara ver ainda a sua corós de Rei.

Quase diariamente aí presidia reuniões de estudos metafísicos, palestras educativas, cerimônias ritualísticas, pois em torno de sua pessoa se vinham formando grupos de discípulos ansiosos por haurir um pouco da sabedoria que transbordava de sua palavra eloqüente, rica de ensinamentos extraordinários que jamais figuraram em tratados, compêndios ou livros de qualquer espécie. Palestrando em família ou discursando da tribuna, seja dirigindo-se a intelectuais ou a iletrados, a todos encanta qual maravilhoso musicista capaz de produzir as mais variadas combinações sonoras e de fazer-nos sentir as insondáveis harmonias dos reinos etéreos.

Ao toque de sua palavra cristalina e persuasiva, novas almas preparadas para o encontro do Mestre vão despertando para a Iniciação. Muitas a Ele se reúnem agora porque já o haviam acompanhado no cumprimento de suas missões em épocas remotas-desde os dias fastos e nefastos da Atlântida, da Ariavarta, do Egito, da Palestina, do Tibete.

Bizarros fatos, aparentemente insignificantes, continuavam a desenrolar-se junto ao Professor Henrique José de Souza: pedrinhas que caiam sem se saber de onde nem como; grãos de cereais lançados às pernas das crianças, que não apreciavam muito semelhantes brincadeiras. Por vezes era um punhal inofensivo que resolvia voar pela casa, fixando-se ora no teto, ora num portal, chegando a ir parar, de uma feita, nas mãos de uma das meninas, sem causar no entanto o menor dano. Bibelôs resolviam de moto próprio mudar de lugar. Sucedia-se também um tipo de correspondência invulgar: recados escritos dando conselhos, mensagens com avisos advertências apareciam dentro dos móveis e pelos cantos da casa, a todos pasmando e a Alguém apontando nova rota a seguir.

Mensagem transcendente surgiu em Setembro de 1921: mandava esta que o Prof. Henrique empreendesse uma viagem, uma peregrinação, diríamos melhor, a São Lourenço, levando Helena em sua companhia. Lutando contra toda a sorte de incompreensões e dificuldades, inclusive financeiras, embarcaram ambos para a pequena estância hidromineral situada em verdejante rincão do Sul de Minas Gerais, rodeada de imponentes montanhas. A modesta vila daquela época chegaram, após rude jornada, os dois peregrinos, mas com finalidade outra que a dos veranistas que lá iam em busca das virtudes curativas de suas águas.

O formoso par de cavaleiros (ainda estava longe a era dos automóveis e das rodovias asfaltadas) deveria atingir determinado ponto pela Lei assinalado num dos cimos da colossal Mantiqueira, e marchava garbosamente ao encontro do "Cavaleiro das Idades", misterioso Ser de infinita grandeza que se debruça compassivo sobre o mundo e as criaturas – Akdorge, Maitréia, Erdemi ou Perseu – diversos são seus nomes, que em verdade pouco importam, pois apenas ocultam o valor de um Número.

No mais elevado píncaro da serra, que passaria a ser a nossa Montanha Sagrada, numa tarde de Setembro, o mês da primavera tropical, o "Cavaleiro das Idades", montando com imponência seu corcel branco, surgiria aos olhos deslumbrados dos dois Viandantes. A Eles seria confiada a renovada Fonte de Sabedoria, manancial de luz da Nova Era.

Repleta de extraordinários acontecimentos foi a estada de Helena e Henrique na pitoresca localidade. Contavam então, respectivamente, 15 e 38 anos: uma adolescente, um homem. Idades diferentes, velando o mistério dos Gêmeos Espirituais. Diferença de 23 anos, número que lembra os 23 graus de latitude norte (Trópico de Câncer) para os 23 graus de latitude sul (Trópico de Capricórnio) – diferença oriunda de um fatal acidente ocorrido em Lisboa, em 1899, quando ambos tinham a idade de 16 anos e se dirigiam para o norte da Índia, viagem da qual tivemos, em número anterior desta Revista, uma descrição primorosa, de autoria de Laurentus.

Hospedaram-se na Pensão São Benedito, no bairro Carioca, tranquilo arrabalde de formosos vales. Logo à chegada viram-se ambos cercados pela curiosidade de todos, admiração de muitos e também a desconfiança de alguns, aqueles que não tiveram olhos para ver nem ouvidos para ouvir". Segundo os ditames da Lei que a tudo e a todos rege, acompanhado, como sempre o foi, por sublimes seres de mundos outros, o Prof. Henrique fazia previsões, realizava materializações, provocava fenômenos, curava enfermos do corpo e da alma. Também a Ela acorriam, especialmente as mulheres, atraídas pelo seu doce sorriso e carinhoso olhar, como pela sua voz tão melodiosa que só sabe pronunciar palavras de paz e conforto a fim de estancar – embora tanta vez derramando-as – as lágrimas de quantos, sofrendo, apelam para seu amoroso coração.

Ficaria a humilde Pensão São Benedito assinalada na História da Obra, com marcantes reflexos na Era de Maitréia. Quem serão eles? indagavam os habitantes do lugarejo. Não podiam na verdade sabê-lo. Eram os dois Deva-Pis mencionados na profecia do Vishnu-Purana; os Gêmeos Espirituais que haviam de voltar ao mundo para a felicidade dos homens; os portadores dos oito poderes da Ioga... Outra resposta, porém, foi dada na ocasião por Aquele que era objeto dos mais disparatados comentários: uma singela mensagem repassada do mais profundo sentimento de amor e respeito pelo santo Lugar; mensagem que em poucas palavras explicava o que naqueles dias se podia explicar, foi dirigida à população.

Em todos os povos, em todas as épocas, as lendas – véus da fantasia ocultando parcialmente a Verdade – narram dilúvios provocados pela maldade dos homens, falam de catástrofes coletivas, de guerras e destruições necessárias ao expurgo de vícios e crimes, para o saneamento do ambiente destinado ao surto de novas civilizações. Salvam-se, porém, os bons que hão de constituir as sementes do novo Ciclo, os quais,

sob a guia de um Manu abandonam suas pátrias em ruínas, buscando outras paragens onde a Obra recomeçará- Temos também no Brasil a lenda do Manu apresentada por José de Alencar em seu romance "O Guarani":

"Foi longe, bem longe dos tempos de agora. As águas subiam e começavam a cobrir a terra. Os homens galgaram o alto das montanhas; um só ficou na várzea com sua mulher: era Tamandaré. Forte entre os fortes, sabia mais que os outros. O senhor falava-lhe de noite e, de dia ele ensinava aos filhos da tribo o que aprendia do Céu" ...

A São Lourenço, naqueles dias, era o Manu quem chegava. As gentes o ignoravam, mas o sabiam as nuvens do espaço que, nos longos crepúsculos, o saudavam formando em misteriosas figuras verdadeiras apoteoses.

Na noite de 27 daquele mês ocorreu a primeira Excelsa aparição. Caminhavam os Gêmeos Espirituais a pouca distância da cancela que fechava o recinto da referida Pensão, quando se lhes deparou em toda sua plenitude o "Cavaleiro das Idades", causando profunda emoção, especialmente na jovem Helena. Esta, a pedido de Henrique, armou ali mesmo, pouco depois, uma fogueira alusiva a Itaparica (Bahia), onde, a 24 de Junho de 1899, a mesma Divindade, sob forma de Netuno, dirigira a palavra aos Gêmeos. Soara a data assinalada na ampulheta dós séculos. Transcorria o dia 28 de Setembro. Entardecia lentamente, como numa religiosa expectativa. Em cumprimento às ordens misteriosamente recebidas, Henrique e Helena dirigiram-se a cavalo para determinado sítio, então denominado Fazenda Santa Helena. Foi aí que, por volta das três horas da tarde, subitamente tiveram ambos a segunda visão de AKDORGE – imponente cavaleiro montando soberbo corcel branco que surgiu de improviso entre duas grandes árvores. Apresentava-se com as características do conhecido São Jorge da lenda cristã. Estacaram bruscamente os animais que conduziam os dois Protagonistas do futuro Ciclo. Após breve ritual, em que foi acesa uma vela, prosseguiram a marcha, porém, a caminho ressurge no alto da Montanha a fantástica Aparição! As montarias novamente se assustaram e se recusavam a prosseguir. "O cavalo não quer mais andar: você está vendo?" disse timidamente a jovem Helena. Seu companheiro de jornada respondeu-lhe que se apeariam ali mesmo, aconselhando-a a guardar silêncio. Abria-se o velário... Suave baixava a tarde, lentamente, como a deter a entrada da noite, para prolongar ao infinito o êxtase daquele momento. Em seguida dirigiram-se, sempre silenciosos, até o cimo da montanha, onde, sob a mais profunda emoção, genuflexos diante de AKDORGE, fizeram o juramento: ofereciam-se como Vítimas, Heróis e Mártires pelo mundo, pela humanidade. O luminoso disco de um sol de oiro fulvo parecia imobilizado no horizonte, como que magnetizado pela extraordinária Aparição. O CAVALEIRO DAS IDADES contemplava o Par ainda genuflexo, Henrique e Helena entravam em samadi. Daquele Tabor partiriam para uma longa Via Crucis... Tal como sucedera outrora ao Manu Manco Capac e sua esposa Mama Occlo, quando a Divindade lhes entrega o bastão de comando para que fosse fincado no lugar onde surgiria Cuzco, a capital espiritual do povo Inca.

E tudo era silêncio, mistério, sublimação! Nem a mais leve brisa perpassava nas matas, nenhuma ave ou borboleta a cortar os ares, os animais e os insetos emudeceram e se imobilizaram. A pouca distância, os dois cavalos que haviam conduzido os viajores mais pareciam duas sentinelas à porta de um Templo. O Templo majestoso da Natureza! Esta narrativa verídica de acontecimentos transcendentais ocorridos em nossos dias e nesta pátria abençoada, é a natural continuação de outras não menos verídicas de fatos sucedidos em outras terras ao longo dos séculos. Lá no Oriente o Dragão volvera a cabeça para o Ocidente, apontando à humanidade a nova Terra Prometida.

F. Ossendowski, em seu livro "Animais, Homens, Deuses", relata fatos estranhos por ele vistos e ouvidos em suas viagens pelos países do centro da Ásia, os quais, para um leitor não versado em Metafísica, se equiparam às narrativas das Mil e Uma Noites ou aos contos de fadas, nos quais de resto grandes verdades e profundos mistérios se

encerram velados. Escrevendo sobre o Reino Subterrâneo o mencionado Autor insere esta passagem:

..."Pára! murmurou meu guia mongol, uma tarde em que atravessávamos uma planície perto de Tzang Luk. Pára! Apeou-se de seu camelo que se deitou sem que para isso tivesse recebido qualquer ordem. Arrojado ao chão, o mongol elevou as mãos num gesto de prece e se pôs a repetir a frase sagrada: – Om Mani Padme Hung! [4]

"Todo o grupo que me acompanhava fizera a mesma coisa. "O que será?", pensava eu fitando a paisagem, onde morria a tarde. Por fim os mongóis ergueram-se, cochicharam uns com os outros, retomaram os animais, prosseguimos. Então, o que vinha a meu lado falou: "Não vistes como nossos camelos pareciam espantados, como os cavalos na planície se imobilizavam, os carneiros e o gado se deitavam? Não notastes que os pássaros cessaram de voar e os cães de ladrar? Uma suave harmonia vibrava no ar. A terra e o céu sustaram a respiração. O vento deixou de soprar e o sol deteve seu curso. Toda vida parece cessar; todos os seres, transidos de medo, parecem sentir a necessidade de orar. Foi o que ocorreu há pouco, é o que ocorre sempre que o Rei do Mundo, em seu palácio subterrâneo, reza pelo futuro dos povos da Terra".

Em outro capitulo, Ossendowski aborda o mesmo assunto. O que se passara naquela tarde causara forte impressão ao estrangeiro que, entre incrédulo e curioso, foi entrevistar um erudito Lama. Passamos novamente a palavra ao ilustre escritor polonês, que então percorria a Mongólia como fugitivo dás forças políticas desencadeadas pela revolução do povo russo:

– ..."Alguém viu o Rei do Mundo?

– Sim, respondeu o Lama; nas festas solenes do primitivo budismo, no Sião e na Índia, o Rei do Mundo apareceu cinco vezes. Vinha numa suntuosa carruagem puxada por elefantes brancos, cobertos de pedrarias. O Rei trazia um manto branco e na cabeça uma tiara vermelha, da qual pendiam fios de brilhantes que lhe tapavam o rosto. Bendizia o povo com uma bola de ouro encimada por um áureo cordeiro. E os cegos recobravam a vista, os surdos começavam a ouvir, os paralíticos caminhavam sob o olhar do Visitante Sublime. Mas sua morada é em Agarta.

– "Tornará a aparecer?

– "O Rei do Mundo aparecerá diante de todos os homens quando soar a hora de colocar-se junto aos bons a fim de lutar contra os maus; não chegou ainda a hora. Os piores homens ainda estão por nascer"...

Mas voltemos ao Sul de Minas ... São Lourenço.

Terminado o divino cerimonial da Montanha Sagrada, pronunciado o Compromisso, os Gêmeos Espirituais, despertando do êxtase em que haviam mergulhado, dirigiram-se contritos e a passos lentos em busca das montarias, alcançando seu lar provisório ao anoitecer. Suas vidas passaram a vibrar em outro estado de consciência.

A modesta Pensão estava repleta de "romeiros" que ali acorriam incessantemente, pois tiveram oportunidade de presenciar grandes maravilhas. Também a proprietária, D. Augusta, assistira a fenômenos e curas operadas pelo Prof. Henrique, mas costumava declarar que não acreditava em nada. Uma noite, depois de reafirmar sua incredulidade, recolheu-se ao seu aposento, mas logo em seguida voltou aflita àsala, a gritar que tinham remexido seus pertences, que as roupas e objetos estavam atirados ao chão, aberto seu baú de folha de flandres, onde escondera o testamento que ela queria manter em sigilo... Todavia nada lhe faltava. Suas convicções materialistas ficaram algo abaladas. Mas para

[4] Evocação do Lamaismo tibetano que se traduz por: “Salve grande Lama da flor de loto" ou "Salve, jóia preciosa do Loto sagrado" – (N. da R.)

se convencer de que o Prof. Henrique não mistificava e possuía mesmo "poderes", lhe propõe uma prova que ela julgava difícil: que o Prof. dissesse algo acerca de um discutido assunto que só ela e seu falecido ma. rido sabiam. – Muito simples, respondeu, e apanhando uma folha de papel sobre a mesa escreveu rapidamente algumas palavras; sem as ler, passa logo o papel à D. Augusta. Esta leu-as e, um tanto encabulada, chorando, disse: "É, está certo. Agora acredito. Isto que o Sr. escreveu somente eu e ele sabíamos. Peço-lhe desculpas pelas minhas desconfianças." Dias após, nas despedidas, D. Augusta, que se tornara amiga e admiradora de Helena e Henrique, estava entre as pessoas que foram àestação ferroviária a levar-lhes abraços e flores.

Uma pequena multidão se aglomerava na plataforma para apresentar suas carinhosas despedidas aos Gêmeos Espirituais. A hora da partida todos lhes acenavam alvos lenços, saudando-os com sentidos adeuses até que o trem desapareceu na primeira curva da estrada. O lugar passou a ser denominado pelos veranistas de "curva da saudade", por ser o ponto do qual não mais se avista a cidade. Também os homenageados choraram de saudades ao dizerem adeus aos amigos e discípulos que ficavam.

Não mais sairíamos de São Lourenço se quiséssemos relatar o que de notável lá se passou durante a primeira visita do enigmático Par. Até mesmo muitos anos mais tarde, em 1959, o Vereador Natal, daquela cidade, teve oportunidade de dizer ao Mestre que na primavera de 1921, ele e outros lourenceanos viram algumas vezes um enorme globo azul proceder da Montanha e pairar por algum tempo sobre o teto da Pensão São Benedito, e que semelhante fenômeno cessou após sua despedida

Sabem hoje os discípulos de seu Colégio iniciático que o globo azul, contendo no centro a palavra PAX em amarelo ouro, é o símbolo da comunhão de pensamento dos mesmos discípulos com determinado Centro de irradiações espirituais; e que as referidas três letras têm um significado bem diverso daquele do latino vocábulo.

Outra página ia abrir-se no grande livro da Vida. Chegara o momento de iniciar a espinhosa missão aceita na Montanha Sagrada. Na referida Pensão dois seres haviam conversado com o Professor; dois seres de mundos outros. Chamemo-los Akadir e Abraxis, dois devas conhecidos geralmente sob o véu de nomes diversos! Fora desvendado (recordado, diríamos melhor) a Henrique o roteiro de muitas encarnações nas quais ele e sua companheira de missão haviam trabalhado juntos. Fora dada a ordem para a peregrinação na qual assumiriam, como assumiram, e só os Dois sabem a que duro preço – o compromisso solene de se manterem fiéis àquelas mesmas vidas em que se consagraram àcausa da redenção humana. Era, pois, a prossecução do multissecular trabalho realizado em outras vidas terrenas. Na existência presente, frisaram os Devas, o trabalho era de real importância, por representar a estrutura fundamental a consolidar os resultados das anteriores. Os dois Seres explicaram que a nova etapa estava vinculada com o acidente da rua Augusta, em Lisboa. Agora no Brasil, berço da Nova Civilização, recomeçava a grandiosa tarefa. A Luz surgia do Ocidente! Era o que, em palavras para iniciados, dissera o Buda Vivo da Mongólia em sua última visão.

Transcrevemo-la a seguir para gáudio de nossos leitores que não têm a felicidade de possuir o citado livro de F. Ossendowski:

... "Rezei, e vi. o que está oculto aos olhos do povo. Vasta planura estendia-se ante meus olhos, limitada por longínquas montanhas. Um velho Lama carregava um cesto repleto de pesadas pedras. Do Norte surgiu um Cavaleiro trajado de branco e falou-lhe: – Dá-me teu cesto para que eu o leve a Ta Kure.

"Obedeceu o Lama, mas o cavaleiro não conseguiu erguer a pesada carga; então o velho recolocou-a sobre os ombros e, curvado, prosseguiu. Surgiu outro cavaleiro, trajado de negro, e também falou ao Lama: – Imbecil, por que carregas essas pedras que aí rolam pelo chão? Assim dizendo, atropelou o Lama, e o pobre deixou cair o cesto,

espalhando-se as pedras. Mas estas, ao tocarem o solo, transformaram-se em diamantes. Os três homens precipitaram-se para apanhá-los, mas não conseguiram arrancá-los da terra. E o velho Lama exclamou: – Deuses! Toda a minha vida arrastei esta carga, e agora, que tão pouco caminho me resta a fazer, perdi-a! Valei-me, poderosos e clementes deuses!

"Súbito apareceu um trêmulo ancião. Lentamente juntou todos os diamantes, colocou-os no cesto, limpando o pó que os cobria. Depois ergueu a carga aos ombros como se fora uma pluma, dizendo ao Lama: – Descansa um momento; levei minha carga até o fim e me compraz ajudar a levar a tua. "Continuaram a marcha e os perdi de vista. Os cavaleiros no entanto puseram-se a lutar o dia todo e noite a dentro. Quando raiou o sol nenhum dos dois ali se achava, nem vivo. nem morto. Desapaceram sem deixar rastro... Eis o que eu vi, eu, Bogdo Hutuktu Khan, falando ao grande e sábio Buda, rodeado dos bons e maus demônios. Sábios, lamas, ktuktus kampos, marambas e santos gheghens, dai a resposta àminha visão.

"Isto foi escrito na minha presença, em 17 de maio de 1921, segundo as palavras do Buda Vivo, pronunciadas no momento em que saia do Santuário particular para o seu gabinete de trabalho. Ignoro o que os hutuktus, gheghens, adivinhos e magos lhe teriam respondido. Mas, não é clara a explicação, conhecendo-se a situação atual da Ásia?"...

Muito há a meditar e compreender nesta, como em outras passagens do livro de Ossendowski. Porque assim falou o último Buda vivo do Oriente. Já o Karma do mundo apontava direção oposta: "A Luz virá do Ocidente". Meditar, dissemos. Sim, pois ensina J. H. S.: "A verdadeira iniciação é a que leva o homem a descobrir por si mesmo, pelo estudo e a meditação, o que não pode desde logo ser desvendado diante dos olhos nublados pelos densos véus da matéria. O homem que pratica a meditação entra no plano ou mundo imediatamente superior ao mental: o Búdico ou da Intuição, por ser o plano do Espirito e, como tal, uma porta aberta à fusão da Alma com o Espírito. Daí a iniciática frase: "Do ilusório conduz-me ao Real; das trevas à Luz; da morte a Imortalidade".

(Continua)

📖

O Rei do Mundo

René Guénon

Tradução e comentários de H. J. Souza

CAPÍTULO IV

AS TRÊS FUNÇÕES SUPREMAS

Segundo Saint-Yves d'Alveydre, o chefe supremo da Agarta possui o título de BRAHATMA (seria mais correto escrever BRAHMATMA) "apoio das almas no Espírito de Deus"; seus dois assistentes são o MAHATMA, "representando a Alma Universal", e o MAHANGA, "símbolo de toda a organização material do Cosmos" [5] . Trata-se da divisão hierárquica, que as doutrinas ocidentais representam pelo ternário "corpo, alma e espírito", e que aqui se aplica de acordo com a analogia constitutiva do Macrocosmo e do

[5] F. Ossendowski escreve Brahytma, Mahytma e Maynga. (NOTA DO AUTOR)

Microcosmo. Convém assinalar que semelhantes termos sânscritos designam propriamente princípios, não podendo, portanto, ser aplicados a seres humanos, a menos que estes representem os referidos princípios, de sorte que, mesmo em tal caso, estarão eles ligados essencialmente a funções, e não a individualidades. Segundo Ossendowski, o MAHATMA "conhece todos os acontecimentos futuros", e o MAHANGA "dirige as causas desses mesmos acontecimentos"; quanto ao BRAHATMA, "pode falar a Deus face a face", [6] sendo fácil compreender o que tal coisa significa, desde que o leitor se recorde que o mesmo "ocupa o ponto central onde se estabelece a comunicação direta entre o mundo terreno e os estados superiores, através dos quais se liga ao Princípio Supremo" [7]. Além disso, a expressão "Rei do Mundo" no seu sentido restrito, e em relação apenas com o mundo terreno, seria bastante inadequada; nesse caso, mais perfeito seria aplicar ao BRAHATMA a de "Senhor dos três mundos" [8], porque, em toda hierarquia verdadeira, aquele que possui o grau superior, possui ao mesmo tempo, e pela mesma razão, todos os graus que lhe são subordinados, estes "três mundos" (que constituem o TRIBHUVANA da tradição indiana) são, como explicaremos mais adiante, os domínios que correspondem, respectivamente, às três funções por nós diversas vezes apontadas.

"Quando o Rei do Mundo sai do Templo, diz Ossendowski, irradia a Luz Divina". A Bíblia hebraica diz exatamente a mesma coisa de Moisés, quando este desceu do Monte Sinai [9], sendo de notar que a tradição muçulmana, por sua vez, reconhece o mesmo Moisés como tendo sido o "Polo" (EL-QUTB) de sua época. Não será por essa mesma razão que a Cabala o aponta como sendo instruído por METATRON? Não seria demais fazermos aqui uma distinção entre o principal centro espiritual e os secundários, ou aqueles que lhe estão subordinados, e que o representam, apenas, segundo tradições particulares e especialmente adaptadas a determinados povos. Sem querermos nos estender a respeito, preferimos assinalar que a função de "legislador" (em árabe RASUL), que é dada a Moisés, faz supor uma delegação do poder que é designado pelo nome de MANU; e por sua vez, um dos significados contidos nesse mesmo termo, indica, precisamente, "o reflexo da Luz Divina".

"O Rei do Mundo, diz um Lama a Ossendowski, está sempre em contato com o pensamento de todos aqueles que dirigem o destino da humanidade... Ele conhece as suas intenções e idéias. Se elas agradam a Deus, o Rei do Mundo lhes favorecerá com seu auxilio invisível; se, ao contrário, elas são do Seu desagrado, Ele provocará a sua queda. Tal poder é dado a AGHARTI pela ciência misteriosa de OM, palavra sagrada com a qual começamos todas as nossas preces". E a seguir vem uma frase, que para todos quantos têm uma vaga idéia do significado do monossílabo OM deve causar verdadeiro assombro: "OM é o nome de um antigo santo, o primeiro dos GOROS (Ossendowski escreveu GORO em vez de GURU), que viveu há perto de trezentos mil anos". Esta frase, com efeito, torna-se completamente indecifrável se não lançarmos mão do seguinte raciocínio: A referida época, que, segundo pensamos, não é indicada senão de modo muito vago, deve ser muito anterior, à era do MANU atual; de outra parte, o ADI-MANU ou o primeiro MANU do nosso KALPA (VAIVASVATA sendo o sétimo), é chamado: SWAYAMBHUVA, isto é, procedente de Swayarnbhu, "Aquele que subsiste por si mesmo", é o LOGOS ETERNO; ora, o LOGOS ou aquele que o representa diretamente,

---

[6] Já se teve ocasião de verificar que METATRON é o "Anjo da Face". (NOTA DO AUTOR)

[7] Segundo a tradição extremo-oriental, "o Invariável Meio" é o ponto onde se manifesta "a Atividade do Céu". (NOTA DO AUTOR)

[8] Aqueles que se admirassem de semelhante expressão, poderíamos perguntar se já refletiram alguma vez sobre o significado do termo TRIREGNUM, a tiara de três coroas que é, com as chaves, uma das principais insígnias do Papado. (NOTA DO AUTOR)

[9] Diz-se ainda que Moisés foi obrigado a cobrir o rosto com um véu, a fim de se dirigir a seu povo, que não estava em condições de suportar tamanho brilho (*Êxodo*, XXIV, 29-35). No sentido simbólico tal coisa indica a necessidade de uma adaptação exotérica para a multidão Lembramos a esse respeito o duplo sentido do termo revelar, que tanto pode ser "retirar" o véu como "recobrir com o véu", o mesmo dizer que a palavra também se manifesta como vela (ou venda) do pensamento que a mesma expressa. (NOTA DO AUTOR)

pode ser, portanto, designado como o primeiro dos GURUS ou "Mestres espirituais"; e, com efeito, OM é, em realidade, um nome do Logos [10] .

Outrossim, a palavra, OM oferece imediatamente a chave da divisão hierárquica. das funções entre o BRAHÂTMÂ e seus dois assistentes, tal como já tivemos ocasião de dizer. Com efeito, segundo a tradição indiana, os três elementos deste monossílabo sagrado simbolizam, respectivamente, os "três mundos", dos quais já tivemos ocasião de falar, ou seja os três termos do TRIBHUVANA: a Terra (BHU), a Atmosfera (BHUVAS), o Céu (SWAR). com outras palavras, o mundo da manifestação sutil ou psíquica, o mundo principal não manifestado [11] . Eis aí, pois, de baixo para cima, os próprias domínios do MAHÂNGA, do MAHÃTMA e do BRAHÃTMÃ, como facilmente se pode verificar pela interpretação de seus títulos já dados em outros lugares deste capítulo; são justamente as relações de subordinação existentes entre esses diferentes domínios que justificam para o BRAHÃTNIÃ o título de "Senhor dos Três Mundos", por nós empregado anteriormente [12] : "Este é o Senhor de todas as coisas, o onisciente (que vê imediatamente todos os efeitos em sua causa), o ordenador interno (que reside no centro do mundo e rege-o de dentro para fora, dirigindo seu movimento sem dele participar), a fonte (de todo poder legítimo), a origem e o fim de todos os seres (da manifestação cíclica da qual ele representa a Lei) " [13] . Para nos servirmos ainda de outro simbolismo, não menos rigorosamente exato, diremos que o MAHÂNGA representa a base do triângulo iniciático, e o BRAHÃTMÃ seu cume. Entre os dois o MAHÂTMÂ encarna de algum modo um principio mediador (a vitalidade cósmica, o ANIMA MUNDI dos hermetistas), cuja ação se desdobra no "espaço intermediário". Tudo isto é figurado muito claramente pelos caracteres correspondentes do alfabeto sagrado que Saint-Yves denomina de VATTAN, e Ossendowsky VATANNAN, ou "o que volta ao mesmo ponto", pelas formas geométricas (linha direita, espiral e ponto), aos quais se referem os três MÂTRÂS ou elementos constitutivos do monossílabo OM.

Expliquemo-nos mais claramente ainda: ao BRAHÂTMÃ pertence a plenitude dos dois poderes, sacerdotal e real, considerados principalmente, e de alguma sorte, no estado indiferenciado; estes dois poderes se distinguindo, no sentido manifestativo, o MAHÂTMÃ representa o poder sacerdotal e o MAHÃNGA, o poder real. Esta distinção corresponde à dos BRÃHMANES e dos KSHATRIYAS; mas, embora estando eles "acima das castas", o MAHÂTMÃ e o MAHÃNGA possuem, tanto quanto o BRAHÂTMÂ, um caráter ao mesmo tempo sacerdotal e real. A propósito, abordaremos um ponto que, segundo parece, não foi até hoje devidamente explicado, e que tio entanto, é dos mais importantes já tivemos ocasião de aludir aos "Reis Magos" do Evangelho, como reunindo entre si os dois poderes; diremos agora que estes personagens misteriosos não representam outra coisa senão os três chefes da AGARTHA [14] .O MAHÂNGA oferece

---

[10] Este nome é encontrado de modo algo estranho no antigo simbolismo cristão, onde, entre os sinais que serviram para representar o Cristo, sobressai aquele que mais tarde foi considerado como abreviatura de Ave-Maria, mas que, primitivamente, equivalia àquele outro que abrangia as duas letras extremas do alfabeto grego, alpha e ômega, para significar que o Verbo é o começo e o fim de todas as coisas. De fato, ele se torna mais completo porque significa, em verdade, o começo, o meio e o fim. Tal símbolo decompõe-se no termo AUM, isto é, nas três letras latinas que correspondem, exatamente, aos três elementos constitutivos do monossílabo OM (a vogal **O** em sânscrito, sendo formada pela união de **a** e **u**). A ligação existente entre o AUM e a SVÁSTIKA. tomados um e outro como símbolos de Cristo, parece-nos particularmente significativa do ponto de vista em que nos colocamos. De outro modo, é preciso ainda assinalar que a forma desse mesmo símbolo apresenta dois ternários dispostos em sentido contrário um do outro. o que, de fato, não deixa de ser semelhante ao "selo de Salomão"; considerado sob a forma onde o traço Horizontal médio garante o significado geral do símbolo, demarcando o plano de reflexão ou "Superfície das águas", vê-se que ambas as figuras comportam o mesmo número de linhas e não diferem, senão pela disposição de dois destes, que horizontais em uma, tornam-se verticais em outra. (NOTA DO AUTOR)

[11] Para mais amplo desenvolvimento sobre a concepção dos "três mundos" tomamos a liberdade de indicar nossas obras anteriores: *O Esoterismo de Dante*, e *O Homem e Seu Futuro Segundo a Vedanta*. (NOTA DO AUTOR)

[12] Na ordem dos princípios universais, a função do BRAHÂTMA se refere a ISHWARA, a do MAHÂTMA a HIRANYA GARBHA, e a do MAHÂNGA a VIRAJ; suas atribuições poderiam ser, facilmente, deduzidas de semelhante correspondência. (NOTA DO AUTOR)

[13] Mandukya-Upanishad, shruti 6. (NOTA DO AUTOR)

[14] Saint-Yves diz muito bem que os três "Reis Magos" vieram da Agarta mas sem abordar outros pontos a respeito. Os nomes, que lhe são comumente atribuídos são, sem dúvida, fantásticos, salvo aquele de MELKIOR, em hebreu "Rei da Luz", por sinal que muito significativo. (NOTA DO AUTOR)

ouro ao Cristo e o saúda como "Rei"; o MAHÂTMÃ oferece-lhe incenso e o saúda como "Sacerdote"; enfim, o BRAHÂTMÃ oferece-lhe a mirra (o bálsamo da incorruptibilidade, imagem do AMRITÂ) e o saúda como "Profeta" ou Mestre espiritual por excelência. A homenagem assim prestada ao Cristo nascente, nos três mundos, como seus próprios domínios, pelos representantes autênticos da tradição primitiva, é ao mesmo tempo – que se compreenda bem – o penhor da perfeita ortodoxia do Cristianismo no que diz respeito a semelhante passagem.

Compreende-se que Ossendowski não estivesse em condições de esclarecer este assunto, pois, do contrário, pode ria ao menos observar a rigorosa analogia existente entre o ternário supremo da AGARTHA e o do mesmo Lamaísmo: o DALAI-LAMA "realizando a santidade (ou a pura espiritualidade) de BUDHA"; o TRASHI-LAMA, "realizando a ciência" (não "mágica", como se lhe afigura, mas, antes "teúrgica") e o BOGDO KHAN, "representando sua força material e guerreira"; é exatamente a mesma divisão segundo os "três mundos". Poderia mesmo fazer semelhante observação, tão facilmente como o fez ao indicar que a capital de AGARTHI faz lembrar LHASSA ou o palácio do DALAI-LAMA, o POTALA, no cume de uma montanha coberta de Templos e mosteiros". Tal modo de expressar é, aliás, defeituoso por deturpar o verdadeiro sentido, pois, em realidade, é da imagem que ela faz lembrar o seu protótipo, e não o contrário. Ora, o centro do Lamaísmo não pode ser senão uma imagem do verdadeiro "Centro do Mundo"; mas, todos os centros dessa natureza apresentam, quanto aos lugares em que se acham estabelecidos, certas particularidades topográficas comuns, porque tais particularidades, bem longe de serem indiferentes, possuem valor simbólico incontestável e, a mais, devem estar em relação com as leis segundo as quais agem as "influências espirituais".

Existe, ainda, outra concordância digna de ser citada: Saint-Yves, descrevendo os diversos graus ou círculos da hierarquia iniciática, todas elas relacionadas com certos números simbólicos, referindo-se, principalmente, às divisões do tempo, termina dizendo: "O círculo mais elevado e mais aproximado do centro misterioso é composto de doze membros, representando a iniciação suprema, correspondendo, além de outras coisas, à zona zodiacal". Ora, semelhante constituição é reproduzida no que se denomina de "conselho circular" do DALAI-LAMA, formado pelos grandes Namshans (ou Nomekhans); do mesmo modo que se repete em certas tradições ocidentais, principalmente nas que dizem respeito aos "Cavaleiros da Távola Redonda". Diremos ainda que os doze membros do círculo interior da Agartha, do ponto de vista cósmico, não representam apenas os doze signos do Zodíaco, mas também (seríamos tentados a dizer "antes", embora as duas interpretações não se prejudiquem mutuamente) os doze ÂDITYAS, que representam formas solares, com esses mesmos signos zodiacais [15] ; do mesmo modo como o MANU VAIVÁSVATA é chamado de "filho do Sol", o do Mundo", por sua vez, possui o Sol entre os seus emblemas [16] .

A primeira conclusão que se tira de tudo isto é que existem, de fato, estreitas ligações entre as descrições com (que todos os países se referem a centros espirituais

[15] Diz-se que os ADITYAS (provindos de ADITY ou o "Indivisível), foram no começo sete, antes de serem doze, e que seu chefe era, então, VARUNA. Os dozes ADITYAS são: DHÂTRI, MITRA, ARYAMAN, RUDRA, VARUNA, SURYA, BRAGA- VIWASVAT, PUSHAN, SAVRI, TWASHTRI, VISHNU. Eles representam a manifestação de uma essência única e indivisível; e, diz-se, também, que esses Doze Sóis aparecerão todos de uma só vez, no fim do ciclo, quando, de fato, darão entrada na Unidade essencial e primordial de sua comum natureza. Entre os Gregos, os Grandes Doze Deuses do Olimpo, por sua vez, estão ligados aos Doze Signos do Zodíaco. (NOTA DO AUTOR)

[16] O símbolo a que fazemos alusão é justamente aquele que a liturgia católica atribui ao Cristo, quando lhe aplica o título de SOL JUSTITIAE: o Verbo é, de fato, o "Sol espiritual", isto é, o verdadeiro "Centro do Mundo"; e, de outro modo, a referida expressão SOL JUSTITIAE se refere diretamente aos atributos de MELKITSEDEK. Devemos, ainda, assinalar que o Leão, animal solar, foi, tanto nos tempos antigos, como na Idade Média, um emblema representativo, ao mesmo tempo, do Poder e da Justiça. O signo do Leão é, no Zodíaco, o domicílio do Sol. O Sol de doze raios pode ser considerado como representação dos doze ADITYAS. Sob outro ponto de vista, se o Sol figura o Cristo, os doze raios, por sua vez, representam os doze apóstolos (a palavra apóstolo significa "enviado", e os raios são, de resto, "enviados pelo sol"). Donde se depreende que o Cristianismo foi inspirado na tradição primitiva. (NOTA DO AUTOR)

mais ou menos ocultos ou, pelo menos, de difícil acesso. A única explicação plausível que podemos dar a respeito é que, se tais descrições se referem a centros diferentes, como é de julgar em certos casos, eles não são, por assim dizer, senão reflexos ou emanações de um centro único e supremo, do mesmo modo que todas as tradições particulares não são mais, em suma, do que adaptações cia grande tradição primordial.

COMENTARIOS DO TRADUTOR

É bem conhecida a afirmação de Krishna ao seu discípulo Árjuna no BHAGAVAD GITA (O Canto do Bem-aventurado) : "Todas as vezes, ó filho de Bhârata, que DHARMA declina e ADHARMA se levanta, Eu me manifesto para salvação dos bons e destruição dos maus. Para restabelecimento da Lei. Eu nasço em cada luga". Em tais ciclos se manifesta o Espírito de Verdade chamado, em linguagem teosófica, de *Avatara*.

Em ciclos menores (dentro dos maiores) também conhecidos como "florescer do Loto das Mil Pétalas nos lagos sagrados de Shamballah", o mesmo fenômeno acontece, porém com outros seres de hierarquias diferentes, portadores de missão especial para o mundo. "No começo de cada um desses curtos períodos, somos afetados por um Movimento tendente a levantar novo dique contra a vaga do materialismo imperante".

No século XIV, por exemplo, desenvolveu-se o trabalho grandioso de CHRISTIAN ROSENKREUTZ, fundador da Fraternidade Rosacruz na Alemanha, hoje secretamente estabelecida em certa região de Norte-América. Infelizmente, os seus imitadores se contam às dezenas. No século XV, a Renascença e as grandes INVENÇÕES (melhor dito, DESCOBERTAS, na razão do "Nihil novi sub sole"); a descoberta da América, por ser a região onde deveria firmar os seus alicerces a nova civilização, através de dois ramos raciais que serviram de expressivo nome para a Missão em que a S. T. B. está empenhada. O eminente sociólogo mexicano José Vasconcelos, assinala-o com expressivas palavras: "É dentre as bacias do Amazonas e do Prata que sairá a Raça Cósmica, que REALIZARÁ A CONCÓRDIA UNIVERSAL, POR SER FILHA DAS DORES E DAS ESPERANÇAS DE TODA A HUMANIDADE".

Referindo-se aos dois ramos raciais, que se sucedem um ao outro, ou melhor, se interpenetram, por sua vez, o eminente polígrafo espanhol Mário Roso de Luna, em uma das suas CONFERÊNCIAS TEOSÓFICAS NA AMÉRICA DO SUL (esta, porém, no Rio de Janeiro) teve ocasião de dizer: "O País de Pinzón, Cabral, Lope e Souza, por sua maior vizinhança com a Europa e África; por sua mescla de raças e por inúmeras outras razões, demonstra excepcionais características, que nos dão direito de dizer que seus futuros destinos são semelhantes aos de Norte-América; que em cultura, para as costas, nada fica a desejar à Europa; do mesmo modo que, em belezas naturais e elevada espiritualidade, faz lembrar berço do povo ário, a índia. E isto. como se no desenvolver dessa nobre Raça – da Ásia à Europa e desta à América, *coubesse ao Brasil a glória de servir de remate ou epílogo* daquele povo, com uma civilização fluvial costeira idêntica à de todos os grandes rios, chamados Ganges, Indo, Oxus, laxarte, Nilo, Tigre e Eufrates, Danúbio, Ródano, Reno. Mississipi etc. cada um deles legando ao humano passado um florão da sua Coroa... Não resta a menor dúvida que as Bacias do Amazonas e do Prata, com o decorrer dos tempos. selarão nas suas ribeiras os destinos do mundo, quando a estrela que hoje brilha no zênite de Norte-América se aproximar do ocaso do seu poderio".

No século XVI, a Restauração; as obras de Robert Bayle e a fundação da "Real Sociedade de Ciências de Inglaterra". A descoberta do Brasil por Pedro Alvares Cabral que, em verdade, representa "o espiritual codicilo do valioso testamento feito por Cristóvão Colombo no alvorecer de uma Era Nova para o mundo. Ambos representam, pois as AGARTINAS FIGURAS que tiveram a missão espiritual – por isso mesmo repleta de urzes e espinhos – de construir, os primeiros alicerces do Grande Edifício em que se

apoia a Obra grandiosa conduzida pela S.T.B. No século XVII, o Ocultismo da Renascença e as grandes INVENÇÕES (ou descobertas) e a Revolução de Oliver Cromwell, na Inglaterra. No século XVIII, a Revolução Francesa e a misteriosa trajetória dos Condes Cagliostro e S. Germano, os quais representaram grande papel na referida Revolução. Neste sentido, o leitor interessado encontrará elucidações no artigo intitulado Cagliostro e S. Germano, publicado em o número 110 desta Revista. No século XIX, o surto do Espiritismo, de origem francamente atlante, quando a humanidade. em franca oposição aos mistérios do "além-túmulo", envolvida na mais baixa materialidade, precisava ser impressionada por fenômenos desconcertantes, mas de ordem puramente psíquica ou astral, para ter provas insofismáveis de que a vida não acaba com a pseudo-morte. S. Paulo já afirmava: "A morte é a maior das mentiras". Resta saber "matar a morte", isto é, vencer tudo quanto é mortal no homem, tornando-se este, um Imortal. O Espiritismo; que antes devera chamar-se Psiquismo ou Animismo (Psiké, alma) é a ponte de ligação entre o físico e o mental. Justamente o mental é a TEOSOFIA. E foi a razão de, dentro deste mesmo surto espírita, aparecer a heróica é ilustre princesa russa Helena Petrovna Hann de Fadeef Blavatsky, trazendo para o Ocidente o facho sagrado da Doutrina Secreta, Teosofia ou Sabedoria Iniciática das Idades, firmando-se em Norte-América, para chefiar o ramo lunar da "Missão Y". pois que. ela mesma na Introdução da sua Doutrina Secreta, profetizou a vinda de outro Ser para o começo do século XX, o qual, em verdade, é o Chefe da Obra em que a S.T.B. está empenhada, ou haste solar, portanto, desse mesmo movi mento cujos dois ramos, unidos, deram origem ao nome "Missão Y". Convém ser dito. embora de passagem, que o grande erro de Blavatsky foi deixar Norte-América, transferindo-se para a Índia, causando um recuo ou involução às diretrizes que lhe tinham sido traçadas. Seus sofrimentos foram enormes no referido lugar, dos quais compartilhou seu companheiro de missão. o Cel. Henry Steel Olcott. Não é também demais apontar que o surto do Espiritismo (com o auxílio da Fraternidade Jina de Yucatã). também se deu em Norte-América, em 1847. na cidade de Hydesville, no Estado de New York, em uma casa onde acabava de se instalar a família Fox. E isto demonstra que o psíquico ou astral não pode- prevalecer sem o auxílio do Mental. No mesmo século também se deu a Proclamação da República Brasileira, ou seja: cem anos justos depois da revolução francesa. Politicamente falando, esses dois movimentos consolidavam as bases de um outro, porém de ordem cultural-espiritualista, que é justamente o nosso. Na índia, em 1883, o seu último rebento espiritualista, que foi o grande místico Ramakrishna, desaparecia, enquanto no Ocidente (Brasil) nascia aquele que viria a ser o Chefe do referido Movimento. No século XX, depois de acidentada viagem ao Norte da índia. "vem ele do Oriente", como assinalou Blavatsky, na introdução da sua Doutrina Secreta, isto é, "em 1900 ou começo do século XX". Houve a Conflagração européia de 1914; a seguir, revoluções na Rússia, no México, em Portugal, na Espanha (sendo que nesta, com a proclamação da República); em diversos países sul-americanos, inclusive no Brasil; a guerra mundial 1939-1945, e as conseqüentes revoluções, provocando por toda a parte profundas modificações políticas, sociais, técnicas, religiosas, filosóficas. Também devem ser assinaladas as grandes descobertas técnicas, arqueológicas, astronáuticas que dia a dia vem assombrando o mundo, a começar pela aviação ("o mais pesado do que o ar"), que coube ao ilustre Santos Dumont; a radiotelegrafia, a televisão, o cinema falado, as maravilhas da eletrônica, da energia nuclear e quantas outras descobertas estão surgindo neste século, inclusive, na medicina, salvando milhares de vidas e aumentando o índice de longevidade. Mas, por sua feição cultural-espiritualista, teosófica e mormente reveladora, a tudo isso sobrepujam a Obra e a Missão de J.H.S. na fundação e na presidência da S.T.B.

Para que o leitor possa formar uma idéia mais profunda do que foram outros Movimentos preparatórios do seu, que a bem dizer é a Síntese dos demais, procuraremos desenvolver algumas das teorias dos principais deles, por serem, de certo modo,

consentâneos com alguns dos ramos científicos e filosóficos da própria Teosofia. Referimo-nos ao Tratamento Mental.

O *Tratamento Mental* é a arte de aplicar o conhecimento metafísico das Leis do Ser e da Natureza em direção aos movimentos automáticos e involuntários da alma inferior ou animal (KÂMA-MANAS), também chamada de subconsciente, corpo astral. Foi a ciência da direção sistemática da vida humana que formou a base da Ciência da Antiga Magia.

O *Tratamento Mental* é diferente, quer do Magnetismo, como da Sugestão, do Hipnotismo, da Psicanálise etc. pois inclui na sua prática um fator metafísico de forma elevada: tal fator se baseia na União do Homem com o seu Criador, que é o mesmo objeto da Ioga oriental. Donde a tradicional frase sânscrita do logue no momento de entrar em transe ou samadi: "Tat Twan Asi" (Eu sou Ele. Eu sou Brahmã. o Eterno Onisciente, Onipotente e Onipresente).

Estes três atributos não são aqui empregados arbitrariamente, pois correspondem às três emanações sucessivas do Infinito: o Pensamento (*Manas*), a Força (*Jiva*) e a Matéria (*Prakriti*).

O emprego do Magnetismo – tal como do Hipnotismo, da Sugestão e da Psicanálise – não necessita do estudo aprofundado da relação existente entre o Homem e Deus (a Unidade Imperecível donde tudo e todos procedem), enquanto o Tratamento Mental exige o indispensável conhecimento metafísico da parte puramente espiritual do homem, que também se poderia chamar de fisiologia oculta ou de hiperbiologia humana.

O Magnetismo limita-se, com efeito, a determinar, mecanicamente, por assim dizer, certos movimentos mais ou menos extraordinários do Fluido Vital, enquanto a Sugestão age sobre o comando psicomental de nossos atos, conscientes ou inconscientes, sem se preocupar com os resultados que do mesmo se derivam.

Não queremos dizer com isto que- na prática, esses três métodos de cura estejam isolados uns dos outros; porém, não é menos verdade que, teoricamente, eles são completamente distintos. O Tratamento Mental, pelo seu mecanismo de ação, exige, certamente. que se ponha em jogo a Auto-sugestão ou Ideação. A Sugestão, ou psicoterapia, concorre para os movimentos flui Bicos que representam a mola principal do Magnetismo, mas com isto, se. ria absurdo querer confundir o Magnetismo com a Sugestão.

Urna das particularidades importantes do Tratamento Mental é sua maravilhosa influencia contra todas as desarmonias que se dão no corpo humano, por isso mesmo concorrendo para uma cura perfeita-

A introdução do fator metafísico terna seu emprego particularmente eficaz, do mesmo modo que preventivo, de acordo com o que nos ensina o método de governar continuamente as forças ambientes, segundo as leis da Natureza, concorrendo para a Harmonia e, por conseguinte, para a saúde e a serenidade. E isto porque toda desarmonia, toda e qualquer doença não é senão uma contravenção às leis da natureza, como dizia outrora Mesmer, em seu Aforismo 309:

"Não há senão uma doença e, portanto, um só remédio. A perfeita harmonia de todos os nossos órgãos e de suas funções, constitui a saúde. A doença não é mais do que uma aberração dessa harmonia. A cura consiste em restabelecer a harmonia perturbada, etc."

Ora, o estudo metafísico do Ser humano conduz precisamente a esse raciocínio, ou seja, que o homem é o resultado físico e biológico de uma série de manifestações vitais, hiperfísicas, todas elas governadas por influências do mais puro mentalismo.

É, pois, natural a captação e canalização da própria fonte da vida (que nós temos a veleidade de dizer que conhecemos) que é não só a base do Tratamento Mental, como de

outros fenômenos, a que o vulgo denomina de “milagres". Este é o único ponto em que a verdadeira Religião está de mãos dadas com a Ciência. Sim, por que ambas se confundem num só e precioso binômio: RELIGIÃO-SABEDORIA, que, em verdade, é AMOR e INTELIGÊNCIA, ou *Bhakti* e *Jnana*, como os dois caminhos da Vedanta. No meio se acha Karma, que é aquele por onde se agita a humanidade inteira.

É assim que, nos períodos de crise, onde todo o Ser foi absorvido por uma luta puramente defensiva, que sua aplicação é mais proveitosa, substituindo-se uma ação *ofensiva* por outra *defensiva*, e aproveitando a totalidade das forças humanas que, em caso de doença, são minoradas pelo enfraquecimento que disto resulta.

Tratamento Mental não é mero tratamento médico, por não tratar apenas doenças; é um tratamento filosófico: ele se dedica aos homens, quer em estado normal, como anormal, ensinando-lhes como devem melhorar e manter em si mesmos a Harmonia, isto é, a Saúde e a Serenidade, sob todos os seus aspectos.

SUBDIVISÕES DO TRATAMENTO MENTAL

Podem-se distinguir três graus rio tratamento mental: o simples, o metafísico e o espiritual.

O Tratamento Mental simples, que não é senão uma sugestão mental, telepática, cientificamente aplicada: o operador colocando-se num estado de recolhimento "trata" o seu paciente (esteja este presente ou não), por um método aperfeiçoado de transmissão de pensamento.

Desde a descoberta da telegrafia sem fio, que é uma analogia material perfeita da Telepatia, cessaram as controvérsias sobre o assunto. Hoje são poucos os que não acreditam na transmissibilidade do pensamento, que de resto vem constituindo motivo de atração em palcos e picadeiros e mesmo em reuniões familiares.

O segundo grau ou tratamento metafísico difere do precedente no que ele faz intervir explicitamente (e não mais implicitamente) a relação íntima do Homem com o seu Criador, por uma invocação formal e direta ao mesmo dirigida, porém em nosso imo. Se Ele nos fez à sua semelhança, é lógico supor que em nós reside, e que quando lhe dirigimos preces ou súplicas externamente, estamos separando, assim, o CRIADOR DA CRIATURA. A verdadeira oração ou prece é o recolhimento espiritual, a meditação em silêncio que possa conduzir ao total isolamento do mundo externo, resultando na união mística, que outra coisa não é senão o êxtase dos santos, em tudo idêntico ao "samadi" dos iogues. Donde se infere ser absurdo pedir ou pagar a terceirospara rezarem por nós... como se a Justiça Divina tivesse "procuradores" com poderes especiais para interpretá-la e distribuí-la entre os mortais [17].

Qualquer que seja o fim do tratamento, ó operador expõe (mental ou oralmente, pouco importa) ao paciente as leis metafísicas da vida, concitando-o a entregar-se com a Fé mais inabalável possível à Fonte Suprema, que alimenta sem cessar a sua existência e a de todos os seres. Enfim, termina por uma espécie de invocação, de caráter eminentemente filosófico, ou seja, o de RELIGAR (ou tornar a unir, na razão do termo religião, RELIGIO, religar ou religare) direta e conscientemente – o doente ao seu Criador (ou Origem divina), segundo as leis da harmonia; porém, como foi dito, *sentindo-O em seu próprio imo*.

O terceiro grau, ou tratamento espiritual, difere dos dois anteriores, por se achar ainda fora do alcance da maioria dos homens, em vista de o operador se desligar

[17] Leia-se, a propósito da verdadeira oração, a definição contida no Evangelho de S. Mateus, VI, vers. 6. O ocultista e o teósofo dirigem sua oração "a seu Pai que existe em segredo", e não a um Deus extra-cósmico e, portanto finito; e esse "Pai" é "Deus" latente do homem: é a Tríade Suprema (Atmã, Budi, Manas) à qual o iniciado S. Paulo chamava exotericamente de “Cristo interno".

inteiramente de qualquer ação pessoal sobre o seu "paciente", colocando-se sob o poder do espírito, que é quem opera diretamente a cura – ou antes, realiza o fenômeno.

O tratamento espiritual implica, pois, a faculdade que tem o operador de se desligar completamente da sua natureza material, revestindo-se, momentaneamente, da faculdade espíritual por ele alcançada por meio de exercícios especiais durante algum tempo da sua vida.

Esses três graus ou processos de "tratamento" estão ligados aos exercícios de Ioga que, nas escrituras hin dus se chamam *Hatha-Yoga* ou ciência do bem-estar físico; *Gnana-Yoga* (Jnana, Djin ou Jina, alma, portanto, e não a falsa interpretação que a maioria dá ao referido termo), ou seja, a do preparo da alma (corpo emocional) para entrar em afinidade com o espírito (o Não-Eu com o Eu, a alma inferior com a superior). Outro sentido, não tem a passagem mitológica, onde Psyké (a alma) anda em busca do seu bem-amado (o Espírito), por não poder viver sem ele. Finalmente *Rajah-Yoga* (Ioga-real, como seu nome o diz), ou a do desenvolvimento espiritual, já agora, a união do Espírito, da Consciência Imortal, com a sua Origem.

Esses três métodos ou graus de desenvolvimento (dos três corpos de que se compõe o homem, segundo Plutarco e outros) estão em pleno acordo com os três caminhos da Vedanta: *Jnana, Bhakti e Karma*.

Passemos agora a uma síntese histórica, antiga e moderna, dessas diversas práticas.

É fácil compreender pela enumeração precedente, que esses três graus se fundem, insensivelmente, uns nos outros, segundo os diversos operadores, ou melhor, segundo o grau de desenvolvimento psíquico por eles alcançado, que tanto vale dizer, estados de evolução diferentes.

Reportando-se à escala que acabamos de enumerar, o último, que é o tratamento espiritual, que parece atributo de um Deus, antes que de um homem, na história está apontado na vida de diversos taumaturgos, dentre eles o Cristo. Quanto ao tratamento metafísico, que a bem dizer, é mais abordável, acha-se largamente em prática na América por todos os discípulos do Sr. Parkhurst Phineas Quimby, ou seja os membros da Christian Science ou cia New Thought; e, enfim, o tratamento mental simples, conhecido por todos os magnetizadores místicos. Por sua vez, da sugestão mental para a sugestão verbal não vai mais do que um passo, pois que, em verdade, é a esta que se chama de Hipnotismo, além de outros métodos empregados "para se obter o sono artificial". Quanto ao Magnetismo propriamente dito, o operador age sobre o paciente em estado de vigília. Entre os seus diversos processos, figuram: o contato, a .relação, os passes, o sopro (quente e frio, etc.).

O Sr. P. P. Quimby é um dos mais notáveis personagens do psiquismo quase contemporâneo, e merece que se diga alguma coisa a seu respeito.

Trata-se de um americano de família humilde, nascido em 1802, em Lébanon, New Hampshire. Começou a vida como relojoeiro. Sugestionado pela ciência de Mesmer, tornou-se magnetizador-mesmerista. E, finalmente, depois de uma longa prática, tornou se curador metafísico, segundo o método por ele criado, servindo-se de vários objetos por ele usados até o fim da sua vida. E isto, em diversas regiões da América. Sua morte se deu no ano 1866, em Portland, no Estado de Maine.

Foi praticando o magnetismo cura dor de Mesmer, e com o auxílio da clarividência de um dos seus sujets (pacientes, passivos), Lucius Burkman, que ele se assenhoreou do campo ilimitado do Tratamento Mental. Dotado de espírito prático e metódico, dedicou-se a inumeráveis pesquisas para, finalmente, formular um sistema de sua própria descoberta, que, a bem dizer, foram seus discípulos que levaram avante. Trata-se de um método estreitamente ligado à filosofia monística da Vedanta.

O famoso operador capacitou-se do poder ilimitado que todo homem possui sobre si mesmo, pelo emprego judicioso de suas faculdades mentais.

Sua teoria principal é a de que "o doente acima de tudo representa um erro do mental, que se torna mais tarde um efeito material. Que seja suprimido o erro mental original, e o efeito material, infalivelmente, desaparecerá".

Esta teoria tão simples quanto verdadeira, é a quintessência da filosofia de Quimby. Muito contribuiu para o êxito da sua carreira o fato de ter curado três personagens importantes, os quais, depois de se verem livres dos males que os afligiam, fizeram grande propaganda da sua doutrina. Tais personagens foram: Madame Eddy, a fundadora da *Christian Science*, e M. M. Dresser e Evans, pioneiros do movimento filosófico conhecido atualmente sob o nome de New Thought.

PROVAS DE EFICÁCIA, A FÉ

Depois de apontarmos, em linhas gerais, o que diz respeito aos métodos empregados no Tratamento Mental, e de fazermos também um pequeno histórico dos seus principais fundadores, passaremos às provas da sua eficácia, rara que não se sujeite ao escárnio com que a maioria tem recebido tudo quanto diz respeito à Metafísica aplicada à vida material.

O Templo do Espírito, nosso corpo visível, é o resultado de tentativas multisseculares para a expressão da Vida, cada vez mais perfeita, na sua monumental estrutura.

Nós somos hoje aquilo que temos pensado, aquilo que mais poderosamente temos desejado em nossas vidas anteriores. E cada vez que a alma se reveste de um corpo visível, ela atrai para seu ambiente (ovo áurico) tudo quanto é mais próprio ou afim com as suas tendências e, portanto, capaz de ser fielmente reproduzido sob a aparência material.

Esta parte de nossa exposição, a bem dizer, é mais importante que a própria FÉ – esta Fé que transporta montanhas, segundo a sentença atribuída a Jesus: "como um grão de mostarda que és, dirás àquela montanha que se atire ao mar, e ela se atirará", – dizíamos, é uma condição *sine qua non* do sucesso em todo o tratamento mental. Pode-se mesmo dizer que o sucesso em semelhante Ciência se acha diretamente proporcional à Fé, que se soube inspirar para a sua eficácia.

Não é aqui, propriamente, lugar para se dar provas insofismáveis dessa imensa Verdade, que na opinião dos céticos outra coisa não tem sido senão a negação sistemática de algo ainda desconhecido da maioria, e que não deixa, no entanto, de comprovar a vaidade tola daqueles que, sem conhecimento de causa, pretendem demolir e esmagar, de um só golpe, as experiências que, a bem dizer, representam o próprio passado da evolução humana. Eis uma das muitas razões por que nem a todos se pode dar ensinamentos de natureza transcendente, a menos que se queira incorrer naquela outra sentença iniciática atribuída ao mesmo iluminado, e que é *o "Margaritas ante porcos"* (Não atireis pérolas aos porcos). Todo pensamento que se nega, ou que se leva para o ridículo, se desagrega no invisível, é solapado na base mesma da sua vitalidade; toda idéia que se afirma, que se acolhe de modo favorável, que , é cultivada com carinho e dignidade, adquire uma vitalidade cada vez maior, susceptível, portanto, de realizar verdadeiros prodígios no mundo material.

Toda idéia, como disse muito bem Paul-Emite Lévy, o célebre autor de *L'Education Rationelle de Ia Volonté*, encerra em si mesma um começo de realização; toda idéia é um começo de ação. Poderíamos acrescentar: um ato em estado nascente.

Mas o que o Dr. Lévy não pode trazer a lume com bastante vigor, é o quanto pode fazer a vontade humana, seja dar vida ou mesmo matar alguém (se se tratar ele um criminoso, ou antes, um "mago negro") ; dar vida e forma aos seus próprios pensamentos, em resumo, realizar os chamados prodígios. que aliás não são outra coisa senão "fenômenos naturais", por serem levados a efeito ele acordo com as leis da Natureza.

A Fé, que é a afirmação superlativa por excelência, torna se- pois, a base mesma de todo o Tratamento Mental.

Tal como os "milagres" ele curas relatados na Bíblia, todos, sem exceção alguma, são operações desse gênero. Pois, ele uma forma ou de outra, nós os encontraremos no Tratamento Mental; a menos que se admitam "dois pesos e duas medidas"; quando realizados pelos adeptos da Igreja são milagres de santos por obra divina; se porém não pertence àIgreja, o autor desse milagre recebe o gracioso epíteto de agente do Demônio.

Caldeus, assírios, egípcios, gregos, romanos e outros povos antigos já praticavam os referidos métodos. Suas escrituras estão repletas de casos idênticos, além de outros até agora desconhecidos por parte daqueles que se orgulham de pertencer a um "século de luzes"...

Obras como *A Magia Entre os Caldeus*, de M. Lenormant, *La Magie Assirienne* de M. Fossey etc., não são mais do que uma coletânea de descrições dessa medicina psíquica, ora sob a forma de conjurações – que representam um. método impressionante de sugestões – ora sob a forma de verdadeiras práticas magnéticas, passes, sopros, etc.

Os egípcios possuíam em seus templos, principalmente nos de Ísis e de Serápis, verdadeiros colégios de sacerdotes curadores que operavam, principalmente, de acordo com o método mental.

Aos gregos e aos romanos se deve o culto ele Asclépios. ou Esculápio, que na sua origem consistia, principalmente, no rito curioso da incubação. Esta prática prescrevia aos doentes passar uma ou algumas noites no Templo do Deus curador, com a esperança de se reco favorecidos com uma aparição ou sonho, capaz de lhes restituir a saúde.

Quando a religião cristã se espalhou pelo mundo, este poder de cura "miraculosa", tornou-se o apanágio dos "santos", e na idade média, encontramos quantos exemplos sejam necessários para a sua comprovação, nos milagres, por exemplo, dos Santos curadores, como foram Cosme e Damião, Terapon, Martin de Tours e tantos outros.

Na América, encontram-se atualmente milhões de indivíduos professando abertamente sua ilimitada confiança no *Tratamento Mental*, seja debaixo de um nome ou de outro. Os dois principais ramos deste movimento filosófico, ao mesmo tempo religioso, *representado um outro de maior envergadura*, são conhecidos pelo nome de New Thought (Novo Pensamento) e Christian Science, este último sob a forma de seita protestante.

Tal seita é o desenvolvimento da dou- trina de Quimby, grandemente desenvolvida, do ponto de vista místico, por Mrs. Eddy que, segundo dissemos, foi curada por aquele, em 1862, de uma grave doença histérica.

Durante seu tratamento, Mrs. Eddy (chamada então Mrs. Patterson) recolheu sob a forma de manuscrito a doutrina de seu Mestre, e foram os princípios que lhe serviram de base quando, depois da morte daquele, ela quis, por sua vez, criar uma escola diferente.

A empresa só foi coroada de êxito, depois de vinte anos de lutas e sacrifícios, ou seja em 1880, quando começou a obter o enorme desenvolvimento alcançado até os nossos dias.

Atualmente, a Christian Science se acha espalhada pelo mundo inteiro; ela possui em Boston um Templo capaz de abrigar cinco mil pessoas, e publica além de revistas, três a quatro jornais, dentre eles um diário ilustrado.

Mesmo que a sua doutrina não deixe de estar sujeita a ataques em várias das suas partes, a base do seu ensinamento é tão sólida que muitos dos seus prosélitos continuam realizando verdadeiros "milagres".

O New Thought, por sua vez, é um movimento da mais pura metafísica, e cujo caráter, como o precedente, não é propriamente religioso.

Filosoficamente falando, sua doutrina é impecável. Ela nunca possuiu, como a anterior, nenhum chefe. É antes a obra comum de uma plêiade de grandes pensadores e devotados filantropos.

M. Julius A. Dresser, outro doente curado por Quimby e que se fêz seu discípulo, ocupou um dos mais importantes lugares na propagação dessa doutrina; ele foi condignamente secundado por seu filho, M. Horatio Dresser.

Em colaboração, o Pastor Warren F. Evans escreveu sobre o Tratamento Mental, em todos os seus ramos, um número importante de volumes. É a ele que se deve o primeiro livro moderno sobre o assunto, intitulado "A Cura Mental", demonstrando a influência da mente sobre o corpo físico, tanto em estado normal como anormal, isto é, de saúde ou de doença, e dando um método psicológico de tratamento, publicado em Boston, em 1869. Entre outros nomes dos vulgarizadores da New Thought, figuram, ainda, os M. Henry Wood, Horace Fletcher – que se tornou célebre por sua teoria da mastigação prolongada dos alimentos; W. W. Atkinson, Leroy Berrier; senhoras Ela Weeler Wilcox, Elisabeth Towne e outras.

Um fato digno de atenção é que todas as seitas que se dedicam à cura mental, embora divergindo em alguns pontos, professam um mesmo dogma em relação ao Eterno: o da sua identificação com a própria criatura, o homem.

Seria preciso citar um por um os milhares de livros de origem anglo-americana, para provar o vultoso número de curas realizadas por semelhantes métodos. No entanto, nada mais fácil para quem desejar obter maiores informes, do que se dirigir às referidas escolas, ou mesmo às livrarias que possuem obras que tratam de um assunto de tão grande valor para a vida humana.

Muito mais importante, se assim se pode dizer, do que ambas as seitas, é aquela dos Antonistas da qual nos vamos agora ocupar.

Os *Antonistas* são partidários da religião fundada por Louis Antoine, por alcunha, o Curador, que residiu durante muito tempo em Jemepee-sur-Meuse, na província de Liège, na Bélgica, e onde operou centenas de "milagres".

Os resultados obtidos por semelhante doutrina são incontestáveis, pois que milhares de testemunhos podem ser apresentados, a menos que se queira continuar a recusar todo e qualquer testemunho humano.

Antoine, "le Guerisseur", pessoal. mente, merece um lugar de destaque entre todos os curadores que se tem apresentado nestes dois últimos séculos. Ele soube verter o que de mais puro possui a ciência oriental, na ocidental, tornando-a, quanto possível, respeitada, no que se refere à sua parte prática. No que diz respeito à pureza de vida, ela se assemelha ao Budismo, isto é : renúncia aos bens materiais, alimentação puramente vegetariana, e vida exclusivamente consagrada aos seus semelhantes.

Direta ou indiretamente, foram e são seus mais fiéis seguidores, na América do Sul, por exemplo, o saudoso Comandante Astorga, e ainda em nossos dias J. Carbonell, cujas obras merecem o maior acatamento. Na Espanha, o nome que mais ressalta em matéria "naturismo", é o de nosso ilustre amigo Dr. Eduardo Alfonso, médico em cujos braços exalou o último suspiro, nosso pranteado Roso de Luna, do qual nos vamos ocupar nos comentários ao capítulo seguinte.

Assim é que as maravilhas realiza(Ias pelo famoso Louis Antoine, "Le Guerisseur", atingem quase o impossível. Podemos mesmo dizer que, no Ocidente, não houve quem o ultrapassasse. Os processos por ele adotados muito se assemelhavam aos já por nós apontados em outros lugares, ou sejam os dos *serápis, no Egito*, e os dos templos de Asclépios, na Grécia. Ele agrupava os seus doentes formando uma cadeia mental, e depois, através de superior esforço da sua vontade, harmonizava a polaridade dos fluídos desse mesmo grupo por inteiro. Poucas vezes era necessário formar uma nova corrente; os doentes ficavam imediatamente curados.

Passemos, agora, à descrição sintética da doutrina e suas operações, tais como são geralmente praticadas.

RESUMO DO MODO OPERATÓRIO

Já dissemos que todos os curadores pelo processo do Tratamento Mental se apoiam em Dogma único. Nem era necessário dizer que ele fosse recente: trata-se do que foi exposto pelo sábio hindu *Vyasa* (que outros confundem com *Badaráyana*), na sua Filosofia Vedanta, o mais sublime dos sistemas monísticos, e que data, provavelmente, de uns setecentos anos antes de nossa Era.

Este sistema professa que Deus, nosso Criador, é o único SER real e, por conseguinte, *tudo mais não passa de ilusão dos sentidos* (*maya*), ou de Manifestação do grande Todo em aparente diversidade, porque ele mesmo sendo indivisível, não podia deixar da ser o único.

E como somente o Grande Todo existe. segue-se, ainda, que tudo mais não pode ser, senão, diferentes idéias que dele formamos, ou antes, Ele mesmo sob múltiplas ideações, formas e aspectos diferentes.

Max Miller foi muito feliz em resumir esta filosofia, no que concerne ao homem, através de um pensamento que foi amplamente divulgado: "*Brahmã é verdade: o mundo é erro. A alma é Brahmã e nada mais*". (Brahmã is true: the world is false; the soul is Brahmã and nothing else).

O mentalista considera o Criador como Onisciente. Onipotente, Onipresente. isto é, como manifesto por sua TRINDADE, suas três emanações de Pensamento, Força e Matéria; o homem, sua criatura, como sendo um espírito imortal, feito da sua mesma natureza, momentaneamente provido de um corpo e destinado por essa sua mesma natureza, a governar os atos de seu corpo, tanto no visível como no invisível.

É incontestável, metafisicamente falando, que Deus, como Ser Único, seja eterno e incriado. De outra maneira se cairia numa espécie de politeísmo, que parece absurdo, embora para se manifestar tenha Ele que, cabalística e teosoficamente falando, tomar os aspectos numerais da sua essência, ao mesmo tempo Una e Trina, através do Setenário Divino. Donde se dizer que o número 137 é o mais cabalístico de todos os números. Sim, como a unidade (ou erigem de todas as coisas), o ternário da sua manifestação, e o setenário da sua evolução.

O homem para ser imortal deve necessariamente participar da essência mesma de Deus, pois que só Ele existe. E como tal essência seja indivisível, por definição, segue-se que o homem – pelo fato mesmo de ser Homem – traz, em estado latente, toda a Divindade do seu próprio Criador. Há uma velha sentença oriental que diz: "Deuses fomos e nos temos esquecido".

A palavra "homem", no inglês "man", provém de manas, manu, (sânscrito) o pensamento, o pensador. E como tal é filho da mente universal, que representa o Poder da Vontade Divina.

Ele não é apenas o Filho, nem é distinto de seu Pai, mas idêntico à sua natureza, eterno e incriado como o Pai.

Insistimos: seu Pai e ele não formam, nem podem formar senão Um, pois que tudo fora deles é ilusão. "Eu e meu Pai somos Um", afirmava Jesus.

O homem é como um raio desta luz infinita donde emana, e sem ser própria fonte, não pode, entretanto, ser distinto dela.

A doutrina do Tratamento Mental apodera-se avidamente desta grande verdade: como O trazemos conosco como somos Ele próprio, basta Lhe fazermos o conveniente apelo, porém, em nosso próprio imo, apesar dos aparentes obstáculos da matéria grosseira que nos envolve, portanto, ilusórios, que d'Ele nos separam, ou antes, não nos permitem vê-Lo, para que a harmonia da criação tome seu curso primitivo, isto é, que a doença (que não é senão UM estado mental e instável da desarmonia), seja forçosamente aniquilada, refluindo no Nada, que é a sua essência, do mesmo modo que uma sombra qualquer se dissipa instantaneamente logo que sobre ela a luz se projete.

Toda a questão está, pois, em colocar-nos mentalmente nas condições requeridas, para que este apelo seja eficaz e nos livre tanto quanto possível de todos os liames que nos prendem à materialidade, sob todas as suas formas. Antes de tudo é preciso nos habituarmos a controlar e dirigir todos os nossos atos, tanto intelectuais como materiais. Consideramos, ainda, nossos desejos, nossas paixões, pelo que são realmente; afastar de nós os resíduos dos tempos decorridos de nossa evolução, onde a bem dizer, não éramos ainda homens, ligando-nos ao que hoje somos, mas desligando-nos, o mais rápido possível, de tudo quanto concorra para o atraso de nossa espiritual evolução.

Daí a necessidade imperiosa de desenvolver nossa própria cultura, tanto do ponto de vista espiritual como psíquico, com influência direta até na evolução física pessoal, sem o que iremos fatalmente formar naquela enorme maioria de homens guiados na vida unicamente por seus desejos, instintos e paixões, e por isso mesmo escravos do desequilíbrio, da desarmonia e do mal.

A importância da cultura física, isto é, da participação ativa de nossa inteligência na manutenção da harmonia em nosso corpo, jamais deve ser esquecida. A harmonia de um repercute infalivelmente no outro, e reciprocamente, de maneira que seria positivamente impossível querer viver harmoniosamente na vida, sem o concurso espiritual coletivo. Daí o maior de todos os Ideais, que é o da Fraternidade Universal da humanidade, sem distinção alguma.

O regime vegetariano é um dos mais poderosos elementos de desenvolvimento espiritual (deixando de parte a questão das intolerâncias por esse regime alimentar, que por si só exige um grosso volume para ser discutido tal como o merece), ou melhor, da emancipação mental do homem, pois a carne, no seu substratum, possui os perniciosos elementos da animalidade que, ingeridos continuadamente, não podem deixar de prejudicar o homem, quer física, quer psíquica, quer espiritualmente falando. Além de excitar naqueles que dela fazem uso, os desejos e as paixões materiais mais grosseiras, constituem entraves à livre manifestação do Ego através do intelecto, na formulação dos pensamentos. Eis por que os homens são guiados na vida mais pelas emoções e paixões do que pelo Ego ou Espírito. Não são apenas as bebidas alcoólicas, o tabaco, os entorpecentes e tóxicos de qualquer espécie a contribuir para a degenerescência da espécie humana. Do ponto de vista patológico, o regime carnívoro – pior se exclusivo – provoca por sua vez sérios distúrbios, tais como o reumatismo, o artritismo geralmente relacionado às disfunções hepáticas, a apendicite, algumas doenças nervosas e circulatórias, e outras mais graves, incluindo mesmo certas formas de úlceras e tumores.

A alimentação e a respiração representam os dois fatores principais da manutenção da vida. Alimentos selecionados e ar puro, mais a higiene mental, nos asseguram a equilíbrio essencial àsaúde do corpo e da alma.

Estas e outras condições seguidas à risca, nossa parte divina harmoniosa se firmará cada vez mais e nosso poder de serenidade e de saúde irá sempre aumentando, tanto em nosso benefício, como no daqueles que de nosso espiritual auxilio necessitem.

Volvendo àprática da cura mental, operador em perfeito recolhimento, tanto quanto lhe permita o seu desenvolvimento psíquico, identifica-se com os princípios que acabamos de expor. Procurando transformar-se numa fonte viva dirige a onda vital que daí resulta, sobre aquele ou aqueles a quem deseja curar. A seguir ordena, com uma força irresistível, um poder de vontade inquebrantável, que é o poder da harmonia universal, a bem dizer, o mesmo que presidiu àCriação; ele a sente agindo no caso que está sob a sua guarda espiritual, identificando se com o seu Criador, e uma vez realizada a imagem curadora, ele a projeta sobre aquele ou aqueles a quem deseja beneficiar.

Durante um momento muito rápido, ele se confunde, e portanto identifica se com seu Criador; penetra o mistério do Infinito encarnado no homem, e entrevê, com imenso fulgor diante dos seus olhos, a grande Verdade, que a Lei da Evolução lhe reserva para mais tarde, o gozo eterno, o supremo gozo da imortalidade consciente.

O *Tratamento Mental* desta maneira compreendido, identifica-se por completo com o desenvolvimento da natureza psíquica e espiritual do homem que, como se viu, não é mais possível separar. É antes um uso particular de faculdades, que atualmente nos parecem sobrenaturais como um processo qualquer que ainda estivéssemos longe de aprender, e muito menos de comunicar. Evidentemente, todos nós trazemos em nosso imo a Centelha Divina (que é a própria mônada), e somos, sem exceção alguma, perfeitamente iguais – pois que semelhantes ao Eterno, somos como a planta que começa a germinar, para depois crescer e florescer, diante de nossa própria evolução espiritual.

O Tratamento Mental confere, imediatamente, dois apreciáveis benefícios: o primeiro é o de nos fazer conhecer nossa natureza divina de modo prático, pairando acima de todas as contingências, e toda destruição possível, por sua própria essência, o que é para nós uma fonte preciosa de inquebrantável otimismo; o segundo, o de nos ensinar o caminho direto, tão infalível quanto necessário, que devemos seguir a fim de possuirmos a saúde e a serenidade. De fato, eles serão bem nossos quando compreendermos que deles jamais nos devemos separar.

CONCLUSÃO

Como se viu, o Tratamento Mental é coisa bem diversa de qualquer método de medicar (ou tratar) mais ou menos aperfeiçoado. Ele cura, é incontestável. E sobretudo quando todos os recursos conhecidos já foram empregados. Mas exige do operador um treinamento rigoroso e constante, para que ele mesmo não venha a adoecer por ter oferecido demais aquilo que, de certo modo, para si mesmo devia conservar: a vida Sabemos de alguns que estão dentro deste triste caso, na razão do velho adágio popular de "quem dá o que tem a pedir vem".

O *Tratamento Mental* também representa um método de regeneração social, que recomendamos a todos os homens dignos e ilustres, pois é a maneira mais prática de contribuir para a Evolução humana. Melhorar nossa raça segundo os preceitos eubióticos, espiritualizar a civilização que aflora neste continente privilegiado, colocar-se, enfim, ao lado da Lei que a tudo e a todos rege é dever de quantos, aturdidos pelos desastrosos efeitos de guerras e ódios destruidores entre membros da mesma Família, por serem nascidos de um Pai Comum ou da mesma Origem, desejam colocar-se a vanguarda

daqueles que ainda esperam salvação – como os "raros náufragos nadando no vasto abismo", da Eneida (Rari vantes in gurgite vasto), onde a mesma salvação não mais existe, pelo fato de a matéria se ter afastado por completo do Espírito. O passado é como uma velha árvore que precisa ser rejuvenescida com uma seiva nova, cujos frutos sazonados possuem as privilegiadas qualidades de uma longa e proveitosa seleção, enquanto a sua assombrosa vitalidade procede de inesgotável manancial, para cuja existência muitos outros concorreram, pouco importa se consciente ou inconscientemente: o excelso Manancial da Obra grandiosa a cuja frente se acha a Sociedade Teosófica Brasileira, com o seu mais do que expressivo lema: Spes Messis In Semine : A esperança da colheita reside na SEMENTE.

Do ponto de vista literário – como preciosas gemas que ornam o magnífico diadema de nossa Obra – já as apontamos em outros lugares deste mesmo trabalho: o Reverendo Padre Huc, através das três obras intituladas *Dans le Thibet*, *Dans Ia Tartarie*, *Dans Ia Chine,* que lhe custaram a expulsão tanto da Igreja como da Academia Francesa de Letras, por ter afirmado coisas que presenciou durante a sua longa jornada através daquelas longínquas regiões asiáticas, viajando-as em companhia de um outra devotado sacerdote, que foi o Padre Gabet. Suas obras contraditam as falsas doutrinas em que ambas se estribam. O escritor ocultista Saint-Yves d'Alveydre, principalmente numa das mais valiosas das suas obras, que é *La Mission de L'Inde,* falou pela primeira vez no nome de Agarta. Também se refere a ela o notável escritor polonês, professor da Escola de guerra de Varsóvia, Ferdinand Ossendowski, autor de várias obras científicas, filosóficas, de viagens, etc. sobressaindo, entre as últimas. uma que foi traduzida em quase todas as línguas, inclusive em português, Animais, Homens e Deuses [18] . A bem dizer – e como deve o leitor ter compreendido através da leitura dos capítulos que a este precedem – foi tal obra que, ao lado da de Saint-Yves d'Alveydre, inspirou o eminente escritor francês René Guénon a escrever a que estamos traduzindo e comentando, *Le Roi da Monde*. A seguir, o grande místico da literatura oriental, Jean M. Rivière, principalmente em A *L'Ombre des Monastères Thibétains*, de cujos trechos próprios para os comentários do presente livro, nos servimos para criticar o prefaciador da supracitada obra, por suas afirmações francamente contraditórias.

Digno de destaque, também, é Nicholas Roerich, principalmente por seu livro *El Corazón de Asia*, que ainda hoje é lido com o carinho e respeito que merece tão insigne escritor. Alexandra David-Neel é nome que sobressai dentre os escritores modernos de Ocultismo e Teosofia, além do mais, pelo tempo que esteve no Tibete, inclusive nos seus mais famosos mosteiros. Sua obra principal, *Mistiques et Magiciens du Thibet*, entusiasmou de tal modo o famoso polígrafo e teósofo espanhol Dr. Mário Roso de Luna, que o induziu a escrever, de parceria com Henrique José de Souza (que, pelo falecimento do primeiro, redigiu os 30 últimos capítulos) a obra intitulada *O Tibete e a Teosofia*, publicada na integra (em 62 capítulos) neste órgão oficial da Sociedade Teosófica Brasileira.

Em verdade, a respeito dos nomes *Agarta e Rei do Mundo* [19] nada há mais a comentar ou refutar no livro que mais interesse nos despertou, por se referir a assuntos

---

[18] A nova edição portuguesa desta famosa obra de Ossendowski apareceu com o seguinte tÍtulo: “Das Estepes Siberianas à Mandchúria" (Edição da Livraria Renascença, Lisboa).

[19] O Rei do Mundo é chamado Chefe dos Exércitos Celestes, tal como acontece com o arcanjo DHYAN-CHOAN, Mikael. Logo, era este quem o representava na face da Terra, e não o DALAI-LAMA. Que dizer do fato do ser o Bogdo-Kahn, o Sumo Pontífice de Ta-Kure ou antes, de toda a Mongólia, com repercussão em diversas partes do Oriente? S.S. BOGDO-KAHN, representando o Rei do Mundo, era Senhor dos Dois Poderes: o Temporal e o Espiritual. Se suas Colunas-Vivas ou Ministros dissessem a mesma coisa, não errariam, justamente pelo fato de o representarem, não só nos lugares em que se achavam, como em qualquer outro onde se apresentassem. O do Centro (o Bogdo-Kahn), como Coluna Mestra, era ao mesmo tempo UNO e TRINO (como o é a própria Divindade, que ele representava, e é a razão de, na Maçonaria, o Grão Mestre ficar por baixo do Triângulo onde figura o Supremo Arquiteto). Donde a expressão completamente desconhecida para o autor, que é: Três Trombetas para Uma só Boca".

As chaves, a mitra, o pálio, o báculo e outros objetos e símbolos usados pelo Sumo Pontífice da Igreja Romana pertencem a um passado remoto da História. E os próprios BRAMATMÂS da índia deles fazem uso há muitos séculos. Foram tais CÓPIAS, quer do Bu-

que em nossa Obra deixam de ser teóricos para passarem a práticos. Mesmo assim, como dever de ofício e maior propagação dessa mesma Obra, não só faremos os ligeiros comentários que este capítulo merece, como também mencionaremos passagens e personagens estreitamente ligados ao nosso cultural e espiritual movimento.

Já tivemos ocasião de dizer que os nomes dos dois Ministros do Rei do Mundo, além do que existe de velado a respeito, são *Mahima* e *Mahinga*, mesmo porque os dois **M M** entrelaçados e invertidos, fornecem um símbolo precioso, que interfere na jurisdição espiritual, digamos assim, entre a Agarta e o centro que lhe diz respeito na face da Terra em determinados ciclos, sem falar nos menores, que àqueles se acham subordinados, e que antes deveriam receber o nome de " postos representativos".

René Guénon tem razão em criticar Ossendowski por escrever BRAHATMA, em vez de BRAHMATMÂ, mas erra, por sua vez, em chamar o mesmo de "Chefe Supremo da Agarta" A verdade, porém, é que o referido nome pertence a um Ser de elevada hierarquia, cujo posto ou regência está situada ao Norte da índia, em região secreta, mas que, em verdade, é uma espécie de Papa ou Sumo Pontífice, para *certas religiões* – principalmente o Brahmanismo – existente na Índia. Trata-se de uma série idêntica àdos Budas-Vivos da Mongólia, cuja série deixou de ter razão, depois que o Oriente cedeu o seu lugar de "espiritual comando", ao Ocidente, no presente ciclo. Melhor dito, era uma síntese do mistério que se processava entre o Tibete e a Mongólia, ou seja: os referidos Budas-Vivos como representações do "Rei do Mundo" na face da Terra, e os *Tráshi-Lamas* e *Dalai-Lamas*, como Ministros ou Colunas Vivas, contrariamente ao que afirma René Guénon, ao dizer que "o Dalai-Lama realizando a santidade (ou a pura espiritualidade) de Buda, o *Tráshi-Lama* realizando a ciência (não mágica, como se lhe afigura, mas antes teúrgica) e o Bogdo-Kahn, representando a força material ou guerreira, etc." [20] .

O autor deixou-se levar pelo que Ossendowski cita nos últimos capítulos da sua obra, apresentando o referido Ser como "deus encarnado da guerra", e, naquela ocasião em luta contra o invasor. Mas, esqueceu de ligar importância a que êle falava face a face com próprio Buda, no Nirvana, e relatava aos seus *marambas* para que eles lhe explicassem, ou melhor, *sabendo ele conscientemente o que acabava de ver e ouvir*, fazia questão que seus discípulos interpretassem de acordo com seu verdadeiro significado. Esqueceu, ainda, que um dos lamas do Mosteiro de *Narabanchi*, narrando a Ossendowski a aparição do próprio Rei do Mundo, mesmo autor "teve ocasião de ver uma sombra que fazia mover o espaldar da cadeira ou trono existente no santuário secreto do referido mosteiro". Isto indica que o Rei do Mundo, dando preferência a uma aparição no

---

dismo hindu, quer do Lamaísmo tibetano e mongol, a que se referiu o íntegro sacerdote católico, Pe. HUC, no seu livro "*Dans le Thibet*", revelação que lhe custou a expulsão da Igreja romana e da Academia Francesa. Mas legou-nos suas obras, cujo valor histórico prescinde das munificências de ambas as instituições que quiseram inibir sua dignidade de livre pensador.

Equivocou-se René Guénon ao criticar a expressão usada por Ossendowski: "GORO", apontando como correto o termo GURU. Antes de mais nada, GURU é termo sânscrito e, portanto, figurando nas teogonias hindus com o significado de Mestre, Instrutor, etc. Enquanto GORO, termo tibetano, quer dizer "sacerdote". Donde a expressão "Os Goros do Rei do Mundo", que são Doze, e o ilustre cabalista, em referência a tal número, compara-o com os Cavaleiros da Távola Redonda, etc. e finalmente, no seu sentido cósmico, com os Doze Signos do Zodíaco. Jesus, por sua vez, teve DOZE APÓSTOLOS; CARLOS MAGNO, com os doze pares de França, e outros tantos Iniciados, não fizeram outra coisa senão formar uma representação das DOZE HIERARQUIAS CRIADORAS em seu redor... O DALAI-LAMA, (que também era chefe da Maçonaria dos TACHUS-MARUS. como disse muito bem SaintYves d'Alveydre, na sua obra "*La Mission de l'Inde* ", não podia deixar de lazer a mesma coisa, se não o fizeram, o próprio BOGDO, como coluna central, e, também, a outra lateral, em oposição ao DALAI-LAMA, ou seja o TRASHI-LAMA, pois como diz René Guénon, e nós o sabemos de sobra, aquele tinha em seu redor, o chamado "Conselho Circular", formado pelos grandes NAMAHANS (ou NOMEKHANS).

Quanto aos "Cem sábios chineses", a que também se refere Ossendowki, e tanto este como o crítico da sua obra, citam o que ouviram dizer, e não o que sabem em sã consciência, tais "sábios" eram em número de "111", para fazer jús a certo número cabalístico, que, multiplicado por "7" dá o mais poderoso de todos, que é o "777". E cujo simbolismo maior é o das "777 pérolas (ou contas) do fio de SUTRATMÁ", isto e, das "encarnações da Mônada. E quanto às tartarugas, em cujas costas eles escreviam, de cem em cem anos, o que haviam aprendido, etc." é algo iniciático que já provém da Atlântida e possuímos um grande ensinamento nesse sentido, melhor dito, "revelação", com as respectivas fotografias em nosso Arquivo secreto. (NOTA DO TRADUTOR)

[20] O BOGDO-KAHN, que residia em Urga, capital da Mongólia, era venerado ao longo do Volga, na Sibéria, na Arábia, entre o Tigre e o Eufrates, na Indochina e nas margens do Oceano Indico. Tinha por nome e títulos hierárquicos, os seguintes: S. S. Djebtsung Dambha Hutuktu Bogdo Gheghen, PONTÍFICE da Ta-Kure. Todo o passado histórico da Ásia, da Mongólia, do Pamir, da Mesopotâmia, da Pérsia e da China cercava o Deus vivo de Urga. (NOTA DO TRADUTOR)

referido lugar, em comunicação direta se achava com o *Bogdo-Kahn*, ao menos no que diz respeito à sua espiritual Origem. Além disso, para se falar *corretamente* da Agarta e do Rei do Mundo, mister se faz já ter ido à primeira, ou ter tido... *qualquer entendimento* com o segundo. Diante disto, não há como dizer: "Cesse tudo quanto a musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta".

E o assunto nos recorda outro ponto interessante do capítulo que estamos comentando, ou seja quando o escritor faz alusão aos *Três Reis Magos* do Evangelho, e compara-os magnificamente com os "Três Chefes da Agarta", referindo-se àqueles três apontados Seres *Bogdo-Kahn, Dalai-Lama e Tráshi-Lama*, que em verdade são apenas representantes dos verdadeiros, ou seja a *Trindade Agartina*. Que diria o autor se soubesse que *Três Seres* idênticos vieram ter diante do Chefe da Obra em que a S. T. B. está empenhada, e portadores por sua vez, de *três preciosas dádivas*, quais sejam, um livro antigo, uma frasqueira contendo licor sagrado (ou ambrosia dos deuses) e o precioso Símbolo conhecido pelo nome de Chave de Púshkara, o qual esteve em nosso Santuário durante sete anos, para ser reconduzido à AGARTHA pelo mesmo Chefe de tão Excelsa Obra ou Movimento? E que o Venerável *Dalma Dorje*, tesoureiro do palácio do Bogdo Kahn, (3) em Urga, a quem também se refere Ossendowski no seu maravilhoso livro (capítulo XL), acompanhado de outros dois seres, vieram ter à presença do Chefe do supracitado Movimento? E que, prostando-se por terra, exclamaram por duas vezes, a frase tibetana : CHEN-RAZI! CHEN-RAZI! cujo significado, em nossa língua, é: Espírito Misericordioso da Montanha! Sim, MONTANHA, outrora no Oriente, mas hoje no Ocidente, na Meca brasileira, ou antes, "capital espiritual do Brasil"?

Ninguém duvide! Os tempos esperados já chegaram.

OM MANI PADME HUM! OM TAT SAT! OM SANCTI, SANCTI, SANCTI ! ADI-BUDHA VAHAM BUDHA !

Mistérios do Oriente e do Ocidente

(O TIBETE E A TEOSOFIA)

Dr. Mário Roso de Luna — Prof. Henrique José de Souza

CAPÍTULO XIII

A SOCIEDADE TEOSOFCA E O RETO CAMINHO

Até que ponto concordam os dois últimos objetos da S. T. com os princípios clássicos do Reto Caminho [21] , provam os dados que a seu respeito, no Tibete, nos revela a referida obra de A. David Neel, quando aponta os delicados e até mesmo, bárbaros métodos – se tal é permitido dizer – empregados pelos anacoretas de tal caminho, em relação com os seus discípulos. "A trilogia de examinar, meditar e compreender (o **aude, vide, tacet**, de certa instituição européia que não vem ao caso nomear) – exige Brande esforço, diz-se, da parte dos candidatos ao reto caminho. Toda atividade intelectual do Mestre gravita em torno do discípulo, com desusada peso – razão

[21] "Um dos resultados mais valiosos obtidos por **Upasika** (designação familiar de H. P. B.), disse um mestre, foi o de estimular os homens a estudarem por si mesmos" coisa que, infelizmente, e pelos erros já apontados, não o fez a maioria dos que se dizem seus discípulos, preferindo, em sua debilidade imprópria a teósofos, "a letra que mata": o dogma cerrado, o messianismo de pretensos redentores; o psiquismo emocional e, em poucas palavras, tudo quanto é contrário ao caráter crítico, decidido e viril, exigido pelos dois últimos objetos da S. T. (NOTA DO AUTOR)

por que, dizemos nós, o termo sânscrito **Guru**, significa ao mesmo tempo "pesado" e "mestre". Porém, tais aparentes originalidades bem examinadas – como vimos no capítulo anterior – acabam por se tornar razoáveis. Eis em síntese, as etapas do caminho direto:

1. Ler grande quantidade de livros sobre as diferentes religiões e filosofias. Ouvir os ensinamentos de diferentes mestres e experimentar os mais variados métodos, ou seja, dizemos nós, temperar a mente com choque dos mais variados pensamentos.
2. **Assenhorear-se, desde logo, de uma única doutrina escolhida entre as demais** [22] , como a águia que escolhe a sua presa entre o rebanho. Tal é a lei indiscutível de todos os gênios, que não são mais do que variados tipos do caminho direto. "Mateus, segue-me", disse Jesus ao bom cobra dor de tributos, para logo Mateus o seguir, não o fazendo, no entanto, Nicomedes que preferiu antes despedir se de sua família e de seus interesses mundanos. "Juro ser Beethoven ou nada", exclama imediatamente Wagner ao ouvir pela primeira vez os transcendentes acordes do Destino, na Quinta Sinfonia. "O amor à arte, aliado à idéia do dever foi o que me impediu de por termo à vida", proferiu várias vezes o autor dessa obra-prima, algo assim como o "levanta-te e anda!" dirigido a Lázaro no sepulcro, o que o obrigou a erguer-se **imediatamente**, deixando andar atrás o Mestre que, "com sua garra poderosa", segundo certa frase maçônica, o faz ressurgir do mundo dos "mortos" para o mundo dos "vivos", já que a entrada naquele caminho, que conduz da vida humana-animal à super-vida divina ou jina, não é mais do que uma real ressurreição ou "um segundo nascimento", razão por que ao brâmane verdadeiramente iniciado se lhe denomina sempre de **dwija** ou "duas vezes nascido", nascido – como diz S. Paulo – primeiro da carne e logo do Espírito, batismo de fogo, enfim, ou "ígnea língua de Pentecostes (pente, panta, penta ou o simbólico cinco do Pensamento) ou a maneira pela qual o "Espírito Santo" desceu sobre o discípulo, dando-lhe a iluminação iniciática e completando, desse modo, ao outro batismo da água com o qual só foram lavadas as culpas... [23]
3. Manter-se na vida em situação modesta (o **aura mediocritas**, de Horácio, equidistante da inerte miséria e da perigosa opulência); guardar humilde aparência (o "não chocar ou despertar a atenção de ninguém", da regra pitagórica), sem nunca procurar ser "um dos grandes lamas" para o mundo; porém, atrás de semelhante máscara de humildade (o **hipokriptos**, ou "escondido debaixo", donde logo foi falseada a idéia do termo "hipocrisia"); elevar mui alto o espírito (o "eu sou Bramâ!", ou "eu sou Chispa Divina", que é apontado nos textos orientais), mantendo-se sempre acima das glorias e honras mundanas (Voto de renúncia).
4. Ser completamente indiferente para tudo e diante de tudo. Agir como o preso ou como o cerdo, que se alimentam do que encontram no momento. Não escolher

---

[22] Este "assenhorear-se desde logo, de uma única doutrina escolhida entre as demais", é na vida ordinária e dentro da eterna lei de harmonia, o que se chama vocação, isto é, a ordem incoercível da Voz Interior de nossa consciência ("Cristo no homem", de S. Paulo), indicando-nos imperativamente o caminho a seguir. Quem escuta semelhante ordem de seu eu superior, vai avante; triunfa de quantos obstáculos se lhe atravessem no caminho e "amadurece em gênio", como o demonstra a biografia dos grandes homens. Em troca, quem não a procura ouvir, arrasta vida miserável, como traidor de si próprio, criar, do um péssimo karma futuro – karma que a Lei evita algumas vezes de modo piedoso, cortando na flor da vida, aquele que se equivocou na escolha do caminho. Daí a legião dos "malogrados", aos quais dedicamos um capítulo de nossa obra No Umbral do Mistério. (NOTA DO AUTOR)

[23] Conta a lenda oriental que no "segundo nascimento" do Buda, acontecido em **Uruvilva** ou **Uruvalva** ("a matriz do Fogo"), Sujata lavou-lhe os pés com água perfumada (tal qual fez Madalena a Jesus) e ofereceu lhe a clássica taça de oiro com arroz, leite e mel. Logo lançado o vaso ao rio, por Nairan-jana, ele voltou à superfície das águas, em sinal de que a ciência suprema já lhe pertencia, enquanto ao recém-nascido foi necessário recolher-se sob a árvore de Bodi ou da Sabedoria para meditar. Essa "volta da taça à superfície das águas" é, em mil lendas, a característica da Magia, que vai sempre contra a corrente do vulgo. Assim, remonta às águas do Reno o esquife de Sigfredo em **O Ocaso dos deuses**, de Wagner: do mesmo modo que surge do **Tamesis** a pedra sagrada e iniciática do **Lia-Fail**, atravessada por misteriosa espada, que somente o herói da Távola Redonda foi capaz de a arrancar (Espada de Sigmundo na Árvore Norso, da "A Walkiria"; em resumo, a invencível Espada do conhecimento intuitivo). (NOTA DO AUTOR)

entre as coisas que se lhe apresentam, preferindo uma a outra. Não buscar, nem evitar, nem recusar. Manter-se imparcial, isto é, em perfeita indiferença, tanto para com a riqueza, como para com a pobreza; diante do elogio, como diante da censura (equilíbrio entre os contrários, ponderação ou balança da Justiça). Deixar de distinguir entre a virtude e o vício; o glorioso e o humilhante; o bem e o mal, segundo os compreende o mundo (ou o "Eu sou a virtude do bom e a maldade do per verso, etc.", de Krishna e Arjuna no Bhagavad-Gitâ). Não se afligir por cousa alguma, não se arrepender, não sentir remorsos; não se congratular, alegrar, ou orgulhar de cousa alguma.

5. Contemplar sem emocionar-se e com o espírito mais emancipado possível, os conflitos e lutas de opiniões entre as diversas ordens de atividade dos seres, pensando: "tal é a Lei, a realidade das coisas e o modo de ser das individualidades diversas que povoam o Planeta!" Contemplar, enfim, o mundo inteiro, procurando vê-lo da mais alta montanha.
6. "Esta etapa não pode ser descrita. Equivale àcompreensão do vazio..." No que diz respeito à nossa opinião, cremos tratar-se da abstração em seu mais elevado grau; a elevação total acima do sensível e concreto, até o inteligível e abstrato, vendo, não as flores, mas a Flor; não o fato, mas a Lei, ou melhor, o Princípio donde emanam as leis e os fatos; não os bens e os males, mas o Bem e o Mal, ou melhor ainda, o Ser que se apresenta aparentemente dividido entre aqueles e demais contrários, como os ramos do Y grego, partidos do mesmo tronco, que, por sua vez, se assenta sem assentar-se no Mar sem Bordas do Abstrato, Eterno, Infinito, Inefável e Incompreensível, o Nada-Tudo, donde tudo emana e para onde tudo volve, ou seja o Selo Insondável do Divino: Brahmã neutro, ou melhor, **Brih**, da palavra sânscrita, que significa "Germe que se dilata e estende": o Nirvana, em uma palavra, não como aniquilação, mas como superação estática ou epóptica...

"Impossível reduzir a regras, termina David-Neel, os múltiplos exercícios educativos inventados pelos "padres do deserto" tibetano(ou antes, do Shamo ou Gobi). Não só divergem de mestre para mestre, como de discípulo para discípulo de cada mestre. **Liberdade** é a divisa que tremula nas cumiadas do "País das Neves", que por um singular paradoxo, filho do eterno jogo dos contrários, é onde os noviços fazem aprendizagem debaixo da mais estrita obediência a seu Guia ou Guru. Porém, tal obediência só se refere às práticas recomendadas pelo Mestre e suas relações com ele. Ouvi dizer a um Lama que o papel do mestre do caminho direto consiste, em primeiro lugar, em promover um desenredo (isto é, a liberação das espessas redes de Maya ou Véu de Ísis). Deve, pois, o Mestre concitar seu discípulo a desembaraçar-se de crenças, idéias, hábitos e tendências inatas, de tudo, enfim, quanto o mesmo mantenha como tara ancestral ou ele próprio criou como efeito de causas, cuja erigem se perde na noite do passado..."

Teremos ensejo de tratar detalhadamente deste interessante preceito teosófico neste mesmo trabalho. Basta-nos agora anotar que as anteriores etapas do Caminho Direto, se acham poeticamente resumidas naquela passagem de A Voz do Silêncio, que diz: "Antes que teus olhos possam ver, já devem ter perdido sua sensibilidade, e antes que o discípulo possa elevar a voz em presença de seu Mestre, já trazer lavadas suas mãos no sangue de seu coração", porque a passagem do mundo humano para o mundo dos shamanos ou Jinas, é uma escada tão alta ou mais, do que a que mediar possa entre o mineral e o vegetal, entre este e o animal e do animal ao humano. Por isso, mister se faz passar pela epoptéia, nirvana ou suprema abstração e imersão no Logos ou Verbo, que anima o Universo, para renascer transformado em outro ser mudado, ao que quis aludir S. Paulo naquela, até hoje incompreendida frase: "Todos ressuscitaremos

(reencarnaremos), porém, nem todos seremos mudados." As sentenças antes citadas de "A Voz do Silêncio", de outro modo, aludem à admiração que provocaria em mentes não preparadas, a **verdade verdadeira** – valha o pleonasmo – do terrível Drama da Vida que, sob o piedosíssimo véu maternal de Ísis, nos passa desapercebido a nós, verdadeiros impúberes psíquicos, como ao recém-nascido, a angústia ou alegria existente no peito da mãe que o amamenta. Daí as regras de indiferença a tudo, igualdade, etc., enumeradas por David Neel, regras que tão pouco devem ser tomadas ao pé da letra, mas como meios indispensáveis, ao defrontar-se com cenas do drama da vida humana – que não é senão o drama de uma grande queda (A queda dos anjos) e uma heróica redenção para cada homem na vida: de superar aquele "puseste teu coração em harmonia com a dor imensa da humanidade; consentiste que fosse vertida na tua presença uma lágrima, sem que antes a tivesse enxugado?" expresso no referido livro místico, mediante a efetiva superioridade que pressupõe a prática de semelhantes regras. O divino Beethoven, naquele seu Quarteto de Cordas n° 1, no qual, à guisa de ilustração, anotara a frase de "um **sauce** no túmulo de meu irmão", cuidou também de consignar, segundo as referidas regras que, como gênio, conhecia e seguia em perfeito caminho direto: "se sentires assomar em teus olhos uma lágrima, reprime-a e não te deixes por ela avassalar"; o que, dito de passagem, é o que caracteriza o profissional nas diferentes atividades humanas, por exemplo, a aparente insensibilidade do médico diante da dor que lhe causa o operado; a do juiz, diante da condenação que ao réu inflige, ou a do catedrático ao suspender ou repreender seu aluno...

Os três caminhos que levam a perfeição

Por um discípulo da S.T.B.

Uma das questões filosóficas mais complexas é a do Bem e do Mal. Bem e Mal existem como dois polos opostos, como dois extremos que delimitam o campo de ação do homem, como dois extremos entre os quais a vida se desenrola. Porém, Bem e Mal são conceitos fugidios porque são relativos. O que uns acham Bem, Bom e Belo outros podem achar o contrário, porque no plano humano Bem ou Mal é apenas uma questão de opinião. Atualmente essa questão ainda se acha mais confusa pela inversão de valores e pelo costume de se chamar belo o feio e vice-versa, por exemplo, reprovando a atitude errada de alguém com a exclamação: "Que beleza, não?!"; dizendo de algo que se acha muito feio: "É uma beleza! "; mimoseando desonestos e ignorantes com títulos "ilustres" e "excelentíssimos"...

Essa confusão entre o Bem e o Mal dificulta a sua definição se os queremos tomar separadamente. Os taoistas chineses os denominam YANG e YIN, os dois princípios universais – na terra chamados Bem e Mal – mas em realidade apenas dois "princípios", um positivo e outro negativo, que governam o Cosmos e que se acham em eterna oposição, mas de cuja reciprocidade nasceram todas as coisas. Para representar esses dois princípios eles usam um símbolo que os mostra perfeitamente entrosados, embora independentes: um círculo dividido por um diâmetro curvo em forma de S, com as metades pintada sem cores diferentes: geralmente preto e branco, mas as cores esotéricas são verde e vermelho.

Os budistas e lamaistas tibetanos também compreendem os dois princípios universais como uma polaridade formada por dois elementos fundamentais e

contrapostos que formam o Absoluto chamando-os de **Fohat** (verde) e **Kundalini** (vermelho) e sabendo que da ação de ambos é que surgem todas as coisas.

A própria Ciência de nossos dias o confirma, pois já descobriu que os átomos de que são formadas todas as coisas, nada mais são do que um conglomerado de partículas de energia positiva e negativa, que se opõem e se equilibram pela mesma razão de serem contrapostas, porque, se não o fossem, não haveria coesão e elas se dispersariam pela repulsa natural dos pólos iguais.

Depois dessas considerações, concluímos que Bem e Mal são reflexos, no plano moral e no estético, da polaridade que preside o universo manifestado.

Sem querer particularizá-los, podemos defini-los assim: o Bem, o Bom e o Belo é tudo o que está dentro das leis, que respeita as leis ou regras existentes; e o Mal, o Mau e o Feio é o que não respeita as mesmas regras e leis.

Em um plano Cósmico o Bem e o Mal são absolutos e se resumem no respeito às Leis Universais ou no desrespeito às mesmas Leis. Digo que são absolutos porque essas Leis Universais são absolutas, mas, no plano humano; como as leis (preceitos morais e conceitos estéticos) são relativas, por serem criadas pelo próprio homem e variarem de acordo com a época, a civilização, o povo, isto é, por variarem no tempo e no espaço, sendo transitórias e inconstantes, o Bem e- o Mal são também relativos, são conceitos transitórios e inconstantes, subordinados a hábitos, a tradições, a climas, a preconceitos.

Citem-se, para exemplo, o divórcio, a pena de morte, a poligamia, a poliandria, a limitação da natalidade, que em alguns países são legais, certos, bons; em outros, ilegais, errados, pecados... veniais e até mortais.

Do mesmo modo variam os conceitos estéticos entre os diferentes povos segundo seu grau de evolução e costumes; o que para uns é bonito para outros é feio e mesmo horrível.

Entretanto, o que nos interessa aqui não é filosofar acerca do Bem e do Mal, e sim falar do Bem Absoluto ou Perfeição como ideal humano.

O homem, desde seus primórdios, vive em busca do Progresso e da Perfeição – quer no campo moral, quer no estético – e por isso mesmo é que estabelece conceitos, preceitos, regras e normas pelas quais pauta sua vida, substituindo-os por outros quando não mais o satisfazem. Com isso, ele tenta estabelecer para seu próprio uso o que é Bom, o que é Bem e o que é Belo. Através de inúmeras experiências o homem persegue a Perfeição ou a Súmula do Bem. Como ele não pode alcançar desde logo a perfeição absoluta – por desconhecer as Leis Universais – vai tateando e experimentando, ora tendo algum sucesso, ora fracassando desastrosamente, mas, não obstante, evoluindo, e, portanto, aproximando-se paulatinamente de sua meta final: a Perfeição Absoluta.

Em sua evolução, em sua incansável procura do Bem, o homem é sempre auxiliado pela Divindade. Através da história vemos o suceder de inúmeros avataras ou seres divinos que se manifestam ora num pais, ora noutro, para ensinar as Leis Universais e orientar a vida dos povos segundo códigos morais adequados.

Através da mesma história vemos também que a maioria dos homens em todas as épocas não aceitou esses códigos ou então os adaptou a seus interesses particulares, egoístas e mesquinhos. Por que assim acontece? Porque o homem tem um livre arbítrio que deve ser respeitado. As leis universais nunca são impostas. São oferecidas e os homens têm a liberdade de aceitá-las ou rejeitá-las. E preciso que assim seja porque se o homem não elegesse, se não evoluísse com o próprio esforço, não teria mérito algum ao alcançar a perfeição, e também não teria consciência dela. Se o homem fosse obrigado a ser bom, o bem não estaria dentro dele, não seria uma realização sua, não seria uma conquista própria e por isso não teria valor. Por essa razão ao homem é permitido criar leis próprias. Elas são falhas, quase sempre contrariam as Leis Divinas, mas representam

o seu ideal, o máximo que ele pode alcançar, mas o seu caminho rumo à perfeição é cheio de voltas e, portanto, muito comprido.

Há um caminho mais curto – aquele apontado pelos Avataras – que é o conhecimento direto das Leis Universais. Este, porém, não está ao alcance de qualquer um, não está ao alcance de todos, e sim de uma minoria.

Se representássemos a evolução por uma montanha que os homens tivessem que galgar, poderíamos dizer que a maioria sobe devagar contornando a montanha em uma espiral que lentamente conduz ao cume. O caminho mais curto seria justamente uma linha reta, da base ao ápice, mas seria muito mais árduo, exigindo enorme esforço daqueles que o tentassem, coadjuvados por um guia seguro para evitar uma queda fatal.

A esse caminho direto se costuma dar o nome de Iniciação. Esta não é mais – como vimos pelo exemplo – que um aceleramento evolutivo consciente, uma marcha forçada rumo à perfeição.

Todos os seres divinos que surgiram na face da Terra sempre apontaram esse caminho.

Confúcio, que nasceu na China 600 anos a. C., condenava a fácil moral aparente que se satisfaz com a aprovação dos homens (e que é ilusória) ensinou a atingir a perfeição seguindo três atalhos: a CONSCIÊNCIA – que nos faz distinguir o Bem do Mal, a CARIDADE – que nos faz amar nossos semelhantes (praticar o Bem) e a CORAGEM – que nos incute a energia necessária para viver, isto é, para enfrentar e vencer o Mal.

Krishna – Avatara que viveu 3.500 anos a. C. na Índia – falou também em três caminhos diretos, para a perfeição, definindo-os com os nomes de Jnana (Conhecimento), BAKTI (Amor ou Devoção) e KARMA (Reta Ação) que, com outras palavras, foi repetido por todos Iluminados, que de resto procedem sempre do mesmo Centro Espiritual e são portadores da mesma Essência Divina. Todos eles ensinam o caminho da Mente, o do Coração e o da Ação ou Trabalho. Enfim, os Três Caminhos não passam da prática do Bem:

1. conhecido intelectualmente,
2. sentido devocionalmente,
3. encontrado forçosamente através das experiências de cada dia. Digo prática do Bem porque apenas o conhecimento do Bem ou a preferência moral pelo bem, não tem valor se não são acompanhados pela prática. De nada adianta e até se torna erro grave, conhecer o Bem, elogiá-lo e não praticá-lo. Há mesmo uma frase iniciática que diz: "errar é humano, mas permanecer conscientemente no erro é crime de lesa evolução". Sendo o Bem e a Perfeição nossa meta, afastar-nos deliberada. mente deles, é prejudicar nossa própria evolução.

No **Bagavad Gita** se encontram as palavras de Krishna acerca dos três caminhos; note-se que o Avatara exalta sobretudo a Reta Ação. Vamos usar suas palavras para explicar os três caminhos, e começando pelo Karma ou caminho que conduz à perfeição pela ação ou trabalho de cada dia.

Karma significa ação, mas é também o nome da Lei Universal de Retribuição ou Lei de Causa e Efeito – muitas vezes identificada com o Destino. Porém Karma não é uma Lei que traça e cria as circunstâncias de nossa vida arbitrariamente, não é um destino cego ou um férreo determinismo. É um determinismo exato e equilibrado que ajusta efeitos às causas criadas pelo próprio homem. Como a maioria das causas são de natureza negativa, os efeitos são da mesma natureza e dai advém o chamado "mau Karma", o azar, a falta de sorte, o mau destino. Se as ações do homem fossem positivas, seu Karma seria favorável, seu destino seria bom, teria sorte e seria feliz, porque o Karma é a Lei que faz com que tudo volte ao equilíbrio, como uma balança na qual em um dos

pratos vão as causas e noutro os efeitos, como forças iguais em proporção e natureza. No prato das causas temos liberdade de por o que quisermos. No dos efeitos é o Karma que põe exatamente, aquilo que é necessário para compensar o peso das causas.

São nossas ações que produzem nosso Karma ou destino. Aos bons atos correspondem bons efeitos, aos maus atos maus efeitos, e quando digo atos quero significar toda a atividade do plano físico, psíquico e intelectual, isto é, ações propriamente ditas, sentimentos, palavras e pensamentos.

Aquele que não conhece o Bem tetricamente e o busca inconscientemente tem possibilidade de encontrá-lo na prática, observando as consequências de suas ações. Vivendo, acaba por descobrir o Bem empiricamente. É o caso de crianças teimosas que não se convencem do perigo quando a admoestam e só o reconhecem quando sofrem as consequências de sua teimosia, isto é, aprendem por experiência própria.

A humanidade só aprende depois de muito sofrer, porque não aceita a orientação, o conselho, a admoestação da divindade através dos Avataras. Segue o caminho mais longo porque prefere viver inconscientemente. Porém, na hora de tomar consciência da Lei que rege as ações e reações, as causas e os efeitos, qualquer pessoa pode evoluir mais depressa devotando-se desde logo àsenda iniciática.

Naturalmente, a aspiração de todos é a Felicidade. Quem não quer ser feliz? Porém, muitos não sabem como alcançá-la e agem egoisticamente gerando o sofrimento ao invés da felicidade. Isso evidencia que é preciso muito discernimento.

Raciocinando sobre os efeitos de nossas ações somos levados a escolher a "boa ação" como meio de alcançar a felicidade. Krishna, no Bagavad Gita, ensina que se quisermos ser felizes, ter paz e gozar da suprema harmonia interior, não nos devemos prender aos efeitos de nossos atos, à recompensa do bem praticado, porque a expectativa da recompensa ou o receio de perdê-la destrói a paz, causa inquietação, incerteza. Devemos cumprir o dever sem esperar recompensa, praticar o bem por ser bem e não para tirar proveito, sem cobiça, sem vaidade, sem orgulho, sem cálculo. São os efeitos de nossos atos que nos prendem a este mundo. Todo Karma gerado tem que ser resgatado; quando urna vida não é suficiente para resgatar todas as dívidas, o saldo devedor passa para a seguinte, obrigando-nos a renascer. A **Lei de Karma** se acha pois intimamente ligada àda Reencarnação. É o **Karma** que nos prende àRoda de Sansara, – Roda de vidas e mortes.

Krishna assim o explica: "Os homens estão aferrados a este mundo porque agem com o fim de obter recompensa e ganho; estão apegados aos objetos de seus desejos, que os agrilhoam na escravidão dos sentidos. Para se libertarem terão que agir com resignação, movidos pelo puro amor ao Bem. Sábio é aquele que cumpre bem os seus deveres e executa as obras que tem que fazer, renunciando a seus frutos, porque este se liberta do cárcere dos sentidos e da matéria e caminha, com passos firmes, diretamente à Consciência Superior, ao plano espiritual".

Todos aspiramos a felicidade, a beatitude, a perfeição; todos queremos ir para o céu, mas com nossos atos contrários à Lei permanecemos presos à Terra. Todos temos laços que nos ligam a este mundo; nossos bens materiais, nossas afeições, amizades e até inimizades. Sim, porque o desejo de vingança, por exemplo, é um elo que liga firmemente uma alma desencarnada a seu inimigo, fazendo-o renascer no desejo de novamente se encontrar com ele para tirar a desforra.

O caminho de Karma não exige um grande trabalho e sim um esforço consciente de reta ação, ou seja, a prática desinteressada do Bem e o desapego pelas coisas deste mundo, que desatam os vínculos de todas as naturezas e conduzem à libertação. Em síntese, o caminho de Karma, seguido conscientemente se resume em renúncia, abstenção e equilíbrio, isto é, o domínio dos sentidos e da emoção – nem amor nem ódio

pelas coisas do mundo, nem afeição nem repulsa, nem desejo nem aversão, nem temor nem esperança, portanto: nem bem nem mal (em sentido humano) e sim o equilíbrio ou Bem Universal, a verdadeira Paz e Felicidade.

Isso pode talvez parecer teórico e utópico, porém é perfeitamente praticável, porque a reta ação compreende os pensamentos, as palavras e os atos diários, a maneira de ser, de agir e de reagir de cada um. A reta ação de um estudante, por exemplo, é estudar para aprender, e não para alcançar a recompensa de boas notas, o elogio de seus colegas e a estima dos professores. Deve dedicar-se ao estudo pelo saber e não pelas vantagens que lhe possa proporcionar. A reta ação de um médico é cuidar com atenção de cada doente e não somente daqueles que lhe pagam bem. E tratar e curar os pacientes por dever e não por amor ao dinheiro, embora faça da medicina e da cirurgia uma profissão capaz de lhe proporcionar o merecido conforto.

Se o mundo não estivesse cheio de interesseiros e aduladores, que fazem o Bem para tirar proveito, que se servem do Bem para obter satisfação de suas ambições; de pessoas que apenas trabalham por força da pecúnia e da gorjeta, semelhantes a máquinas que só funcionam quando nelas se coloca uma moeda; se, ao invés disso, houvesse trabalhadores honestos, fiéis cumpridores dos seus deveres, que trabalhassem por amor ao trabalho, o mundo seria melhor. Mas porque uns erram, os outros, que se sentem prejudicados, fazem o mesmo (em vez de dar o bom exemplo, agindo desinteressadamente, pela causa do bem comum e conforme a Lei Universal) e o mundo continua cada vez, pior.

Nas palavras de Krishna acerca de desapego, renúncia e abstenção podemos também encontrar orientação para a vida prática. Nas mínimas coisas podemos reconhecer os liames que impedem a nossa libertação e a causa de nosso sofrimento e infelicidade. Por exemplo: Uma camisa de que se gosta, uma gravata, um anel, uma bolsa, um relógio, um sapato, uma carteia, um objeto qualquer de estimação, muitas vezes é causa de desassossego, aborrecimento e infelicidade – ou porque se o perde, ou porque nos é roubado, ou porque se estraga acidentalmente. Este é o receio de perda, mas há também a inveja, o desejo de ter coisas que não se tem, a cobiça, que geram de igual modo a infelicidade porque a pessoa se sente insatisfeita, frustrada e tudo faz – até o roubo – para conseguir o que quer.

BAKTI é o caminho que conduz à Perfeição através da devoção ou emoção mística, melhor dizendo, da verdadeira religião. O sentido de religião é união. Portanto a verdadeira religião não é senão a união do Ego individual com Deus ou o Espírito Universal, ou, por outras palavras, a união da personalidade com a individualidade, da parte material dos seres com a parte espiritual.

"Para realizar essa união." ensina Krishna, "o homem deve amar a todos os seres como a si mesmo e adorar a Deus em Espírito e Verdade," pois Deus é o Todo, o Absoluto, a Unidade Suprema de que fazem parte todas as coisas e seres.

Essa fórmula é idêntica àquela de Jesus que diz: "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo".

Em última análise essa fórmula representa a anulação do egoísmo e da própria egoidade que cedem lugar a um sentimento de plenitude que faz a pessoa reconhecer o universo como um Todo e a si mesma como parte desse Todo e não como algo separado e isolado. Num plano humano esse sentimento de plenitude tem expressão na fraternidade universal que leva os homens a sentir a todos os homens e a todos os seres da natureza como seus irmãos, isto é, filhos do mesmo Criador. Um exemplo típico de pessoa que seguiu esse caminho é o de São Francisco de Assis. O seu amor, o seu altruísmo, a sua dedicação aos outros não tinham limites. Mas as pessoas comuns não alcançam essa plenitude... Já é grande coisa quando podem sentir o que sentia S. Francisco em relação às poucas pessoas mais próximas a si: a família, os conhecidos, os

empregados, os vizinhos, os companheiros, os transeuntes que fortuitamente encontram, em resumo, as pessoas que vêem ao seu redor, os seres com os quais convivem.

A realização dessa verdadeira religião é difícil porque temos um lastro de maldade e egoísmo que nos impede de amar sem restrições. Vejam por exemplo, nas palavras de Krishna, como é uma pessoa que segue o caminho de **Bakti**:

"Não odeia a ninguém e a ninguém faz mal, é amigo e amante de toda a Natureza; é bondoso, afável, livre de vaidade, orgulho e egoísmo e conserva sempre a equanimidade, sendo paciente na desventura. Não tem cuidados mundanos, nem teme o mundo nem o admira, participa dele sem repudia-lo nem gozá-lo. É livre de turbulência, de cólera, impaciência e medo e não se dedica à tristeza nem à alegria excessiva (futilidade). Não tem preconceitos, é justo e puro, imparcial, confiante, livre de toda ânsia e nunca desespera. Não nutre nem afeição nem ódio, quer bem a todas as criaturas mas sem se apegar particularmente a nenhuma; não se entristece nem cobiça e eleva-se acima dos contrastes do Bem e do Mal. Igualmente considera o amigo e o inimigo, os honrados e os desprezados e com igual ânimo suporta o calor e o frio, o prazer e a dor, a nada se apegando. Não murmura contra o destino, não se importa se o mundo a louva ou censura, em todo lugar este contente e, firme em seu propósito, em Espírito a Deus adora."

Uma pessoa que assim é por ter encontrado o Supremo Bem está livre dos dissabores e sofrimentos causados pelo contraste de bem e mal, amor e ódio, desejo e temor, esperança e medo. Encontrou a paz e o equilíbrio pelo verdadeiro domínio das suas emoções e dos seus sentidos. Dominar as emoções não é escondê-las, mascará-las, enterrá-las no fundo da personalidade, aparentando uma fictícia indiferença, falsa beatitude, quando seu interior está em confusão, revolto por uma tempestade de sentimentos. Essas pessoas que não chegaram sequer a conhecer e praticar realmente o bem humano, como querem participar do Bem Supremo ou Absoluto? Em pouco tempo se desmascaram, porque sua pseudo beatitude se desfaz, de repente, com um ímpeto de ódio, de ciúme, de egoísmo, de inveja, de orgulho – todos os maus sentimentos comprimidos sob a máscara da "suprema bondade" da falsa equanimidade, que de súbito explodem. Essas pessoas mais enganam a si mesmas que aos outros e perdem inutilmente seu tempo. Fazem o mesmo que um jardineiro que, querendo livrar-se dos trevos que infestaram seu jardim, apenas arranca suas folhas, deixando as batatas na terra.

O homem também pode chegar à realização suprema, pode alcançar a perfeição procurando conscientemente transcender as limitações e ilusões do mundo material em que vive, através do Conhecimento ou Sabedoria: esse é o caminho de JNANA.

Esse conhecimento entretanto há de ser o Conhecimento Iniciático, a Sabedoria das Idades que ensina as Leis Universais, e não os conhecimentos acadêmicos, parciais, mutáveis, incertos, confusos, pela simples razão de que um conhecimento baseado nos sentidos (como é o acadêmico) é tão ilusório e limitado quanto estes e portanto não liberta ninguém de suas ilusões.

Só a Sabedoria Iniciática das Idades é capaz de desfazer as ilusões porque é um conhecimento legado pelos Avataras, é a própria Verdade manifestada ciclicamente para orientação da humanidade. É a tradição primordial, a revelação, que age como sustentáculo das civilizações, evitando que elas se esboroem frente às superstições, evitando a degradação do homem. Quanto ao benefício dessa Sabedoria Iniciática, Voltaire a caracterizou em poucas palavras, ao dizer: "Entre o caos das superstições populares, existe uma Instituição que evitou sempre a queda do homem na mais degradante animalidade: a dos Mistérios."

Sim, "Mistérios" porque raros homens chegam a compreender essa Sabedoria Iniciática das Idades – pois a maioria não se interessa nem sequer pela aquisição dos conhecimentos profanos.

Através da Sabedoria Iniciática das Idades aquele que segue o caminho de Jnana vai tomar conhecimento da sua própria constituição oculta, verificando ser ela um espelho da constituição do Universo e assim livrando-se da ilusão das aparências e sentindo-se parte integrante do universo – compreendido em seus dois aspectos: Manifestado e Imanifestado. Sua Sabedoria não será adquirida através dos sentidos externos, isto é, através do Mental Concreto, do Raciocínio (que aprende analisando aquilo que observa no mundo exterior) e sim através do Mental Abstrato, de Meditação, buscando no seu interior a realidade última. É o que dizia Jesus: "Busca no teu interior o que procuras fora". É no nosso interior que se encontra o nosso Eu Real. Se nos olhamos no espelho, apenas logramos vislumbrar nossa aparência passageira e ilusória. Se estudamos o mundo material apenas vamos conhecer a matéria, o mundo das ilusões; estudando a Sabedoria Iniciática das Idades vamos conhecer a Cosmogênese e a Antropogênese, vale dizer, a origem e evolução dos universos manifestados e a origem e evolução dos seres, dos homens; vamos tomar conhecimento dos ciclos, dos Avataras, das reencarnações, da evolução, dos sistemas, das raças, etc., de maneira geral que tanto se aplica ao passado, como ao presente e ao futuro.

O conhecimento integral dessa Verdade é alcançado por quem domina o Eu pessoal (mental concreto) e as impressões dos sentidos (ilusões), quer dizer, por quem atingiu um grau de evolução espiritual capaz de distinguir entre o real e o ilusório, de perscrutar o subjetivo e o abstrato, alcançando o plano mais sutil do universo para finalmente reintegrar-se na Causa das Causas.

Disse Krishna a Arjuna: "Quando tiveres adquirido a Sabedoria, serás livre de confusões, dúvidas, incertezas, falso entendimento e erros; pois verás que tudo o que existe no Grande Todo, forma uma Unidade, e, por conseguinte, é contido em Mim (o Avatara divino que fala como o próprio Deus) e em Ti mesmo (Árjuna, representando as criaturas) ".

O Conhecimento da Vida Universal nos permite participar plenamente dela por nos elevar ao plano do nosso Ego Superior, fazendo-nos transcender as ilusões dos sentidos, as limitações da matéria. Vivendo a vida do Eu Real temos a vida perfeita, participamos da Perfeição Universal.

Aí estão sumariamente definidos os Três Caminhos que conduzem à Perfeição: **Jnana, Bakti, Karma**. Em síntese vimos que a Perfeição ou o Supremo Bem é a final reintegração do Homem no Grande Todo após reequilibrar-se com as Leis Universais, fazendo-se uno com a própria Lei ou Deus ao fazer-se uno com a sua natureza divina ou Eu Espiritual.

Isso se consegue pela superação da relatividade, das limitações e ilusões de nosso mundo e de nossa natureza humana, isto é, pela superação da dualidade e da polaridade expressas no bem e no mal (humanos e relativos, os dois pólos da manifestação) e pela compreensão e realização do Bem Absoluto, das Leis Universais ou da Lei Suprema que é Deus.

A perfeição vem a ser a Verdadeira Religião ou União da criatura com o Criador, pois só seremos perfeitos quando formos iguais ao Pai que está nos céus (como disse Jesus), identificando-nos com a partícula divina que habita em nós (Eu Supremo, Atmã) ou, por outras palavras, reconciliando-nos com o nosso Pai Espiritual.